N.º 261 — 11.º ano

1-NOVEMBRO-1936

PREÇO - 5 escudos

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL – Rua da Alegria, 30 – Lisboa

Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30$00	60$00	120$00
(Registada)	32$40	64$80	129$60
Ultramar Português	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Espanha e suas colónias	—	64$50	129$00
(Registada)	—	69$00	138$00
Brasil	—	67$00	134$00
(Registada)	—	91$00	182$00
Outros países	—	75$00	150$00
(Registada)	—	99$00	198$00

Administração – Rua Anchieta, 31, 1.º – Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

COLECÇÃO FAMILIAR P. B.

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluidas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interêsse, **ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma,** de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espírito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãi de família, educadora de filhos e escrínio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena raínha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ESTÁ À VENDA A

7.ª EDIÇÃO — 11.º milhar

LEONOR TELES

"FLOR DE ALTURA"

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. . . . . **Esc. 12$00**
Pelo correio à cobrança . . **Esc. 14$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

Este volume completa a obra **Camões Lírico**, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. .... **12$00**
Pelo correio à cobrança.................................... **14$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À venda a 5.ª edição dos

Motores de Explosão

(COMBUSTÃO INTERNA)

pelo Engenheiro ANTÓNIO MENDES BARATA

Edição actualisada, tratando de todos os tipos de motores Diesel, e apresentando alguns tipos de novos carburadores. Este volume faz parte da magnifica Biblioteca de Instrução Profissional.

1 vol. de 516 págs. com 490 gravuras, encadernado em percalina
Esc. 30$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Á VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituido por **Afonso Lopes Vieira**

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado........... **15$00**
Pelo correio, à cobrança .... **16$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.ª ed. Êste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da païsagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — ***Júlio Dantas.***

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTIFICAS RESULTANTES DE PROFUNDAS INVESTIGAÇÕES

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINE

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais

A quirologia é uma ciência, e como tôdas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

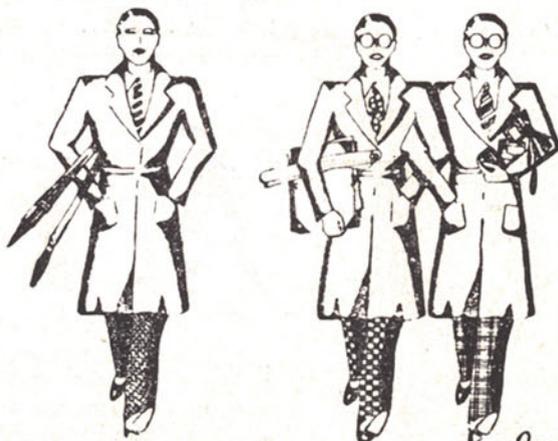
Conhecimento dos carácteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, **Esc. 10$00**, pelo correio à cobrança, **Esc. 12$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

GRAVADORES IMPRESSORES

TELEFONE 2 1368

BERTRAND IRMÃOS, L.DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

: : ENCADERNADOR - DOURADOR : :

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de oiro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS

Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: — 2 0535
N.º 261 — 11.º
1-NOVEMBRO-1936

ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

O PIOR TERREMOTO

NAQUELA fria manhã de 1 de Novembro de 1755, a Lisboa fidalga e abastada erguera-se ainda sonolenta, mal repousada talvez dos excessos da véspera. Estava ainda muito recente a lembrança do rei magnífico que ensinara os seus vassalos a gastar à larga para plena satisfação dos mais fúteis desejos.

A Lisboa dêsse tempo, quando não se entontecia em festins ruidosos, entretinha-se a mirar o seu rosto lindo no espelho sereno do Tejo, num delicioso abandono de odalisca.

Pois naquela fria manhã erguera-se mais cedo para não perder a missa em louvor de Todos os Santos.

De repente, toldou-se o céu, ouvindo-se, acto contínuo, um longo ruído subterrânio por tôda a cidade. Nisto, abriu-se o solo, ruíndo o casario como um castelo de cartas. Entre as nuvens de poeira, levantaram-se as labaredas fulgurantes dos incêndios que se propagavam com uma rapidez espantosa.

O Tejo, revolto e medonho, saíra do seu leito ameaçando engulir o que o fogo poupava.

Já lá vão 181 anos.

Nos tempos de hoje, evocar o pavoroso terremoto, é apenas uma velha usança que nada tem já de triste ou lamentosa. Aqueles que perderam os entes queridos nessa horrorosa catástrofe, há muito que foram reünir-se-lhes na paz da sepultura.

Desde a fundação da nossa Pátria deram-se até hoje uns dezasseis terremotos, pelo menos. No entanto, tôda a gente evoca apenas o de 1755.

Pavorosa foi a peste que, desde 1598 a 1603, ceifou em Portugal mais de oitenta mil vidas — e ninguém já se lembra dela!

Pois a calamidade de 1755 é, no fim de contas, recordada hoje como a desastrosa batalha de Alcântara em que se afundou a nossa independência. Tanto uma como outra, deixaram o país mergulhado em luto.

Tudo ruíu, menos o fervor patriótico dos portugueses.

Da Nação escravizada durante sessenta longos anos pela cubiçosa Castela, brotou o alento dos conjurados de 1640 que se tornaria, a breve trecho, no ímpeto formidável que impeliu Portugal às vitórias de Montijo, Ameixial e Montes Claros; de entre os escombros fumegantes de Lisboa ergueu-se a indomável energia que havia de reedificar uma nova cidade, tornando-a mais bela ainda.

Ao Marquês de Castelo Melhor deveria suceder o Marquês de Pombal.

Segundo a planta traçada por Eugénio dos Santos, o grande estadista ordenou a demarcação do terreno a cada proprietário com um rigor impenetrável. Todos eram obrigados a levantar as suas casas, consoante o risco apresentado, e dentro de certo praso, sob pena de perderem os seus direitos à propriedade.

Como se verifica, o terremoto, tendo convertido Lisboa num montão de ruínas, deu ensejo ao Marquês de Pombal para manifestar o seu génio organizador e a sua assombrosa energia. E, assim, aproveitando o momento, tratou de reedificar Lisboa num plano muito mais vasto e regular que o da antiga cidade.

Hoje, ao evocarmos o terremoto que há 181 anos provocou a compaixão do mundo inteiro sôbre a cidade mártir, verificamos que se inverteram os papéis.

Lancemos um olhar por êsse mundo fóra.

Neste momento, é Portugal que, por um dever de gratidão, contempla, angustiado, a crítica situação mundial, sob cujos alicerces julga ouvir referver os ruídos que antecedem os grandes cataclismos.

Os homens, transformados em feras, procuram imitar a cólera destruïdora dos terremotos.

Por isso, Portugal, adentro da sua calma, contempla o agitado panorama mundial.

Mais do nunca é necessário opôr um dique a fúria selvagem dos que, não saciados com os horrores espalhados nas suas terras distantes, pretendem contagiar-nos do seu mal.

Se da Lisboa destruida pelo terremoto surgiu uma Lisboa mais bela ainda, é porque a sua reedificação foi orientada com ordem e disciplina. Os bandidos que, sem o menor respeito por uma população aterrorisada, aproveitavam o pânico para entregar à pilhagem, eram enforcados no próprio local do delito.

Assim se reconstruiu Lisboa, e assim deve ser mantida a sua reconstrução que constitui para todos os bons portugueses uma herança sagrada. Se tanto nos orgulhamos do nosso passado, como poderíamos consentir que uma lufada corrosiva viesse apagar as epígrafes gloriosas dos nossos monumentos? Como poderíamos aceitar que uma nação que "deu mundos novos ao mundo", abrindo caminho à civilização, passasse a receber as lições de vandalismo urdidas em momentos de ódio torvo, e conservadas, à falta de melhor, no vasto frigorífico das estepas?

Por um direito de legítima defesa, devemos evitar os terríveis males com que pretendem contagiar-nos.

Lembrem-se do que, em face do que se está passando na visinha Espanha, preferível seria para ela sofrer a fúria destruidora dum terremoto, do que a fatalidade marxista que a está devastando, palmo a palmo, e é mil vezes mais funesta do que as convulsões sísmicas.

O Marquês de Pombal estudando a reedificação de Lisboa

(Grav. de Manuel de Macedo).

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

VÁRIOS ASPECTOS DO MOVIMENTO LIBERTADOR

Os generais Franco e Moscardó saudados pela população após a libertação de Toledo. O heroico comandante do Alcáçar foi condecorado com a Ordem de S Fernando em homenagem à sua bravura e fervor patriótico — Em baixo: Ainda um aspecto da chegada dos refugiados de Gijon e S. Sebastian a Saint Jean-de-Luz, antes da chegada das tropas nacionalistas

Um dos aspectos que o Alcaçar de Toledo oferecia logo após a sua libertação. Nesse aglomerado de ruínas e cadáveres está marcado profundamente a grandeza da abnegação com que os heroicos cadetes souberam defender o que em nome da Pátria lhes haviam sido confiado

O lastimoso estado em que ficou o teatro de Isabel-a-Católica, em Granada, após o incêndio ateado pelos marxistas

Um aspecto de Tatavera de la Reina, vendo-se em plena um triste documento de barbariedade dos marxistas que, antes da fuga fusilaram alguns habitantes

A difícil passagem de Nuebla em Rio Tinto pelas forças de Queipo de Llano, vendo-se a ponte destruída após um bombardeamento. Fôsse como fôsse a passagem efectuou-se, cumprindo-se a profecia do general Franco ao afirmar que a revolução libertadora da Espanha atingiria o seu fim patriótico, nada havendo neste mundo que a pudesse deter. Seguindo sempre, as tropas nacionalistas reconquistam a sua querida Espanha que se conservará com tôda a dignidade para continuar a viver junto das nações civilizadas. É nisto que se encerra a certeza da vitória, tão grande e poderoso é o amor pátrio

Um aspecto da cidade de Granada, vendo-se o café Colón completamente destruído pelos bombardeamentos

A histórica reünião da Junta de Burgos que proclamou o general Franco, chefe do Estado e generalíssimo das fôrças libertadoras. A nossa gravura apresenta o heróico militar, prestando juramento, após o que proferiu um discurso em que salienton o programa purificador que tenciona realizar em tôda a Espanha

Outro aspecto da praça central de Toledo, após o bombardeamento que escorraçou a presença nefasta dos marxistas

Enfermeiros da Cruz Vermelha, protegidos por lenços molhados e máscaras levantam os feridos numa rua de Toledo. — A' esquerda: os efeitos duma mina

O que resta do magnífico edifício em que se encontrava instalado o Centro da Acção Popular (partido de Gil Robles). Depois de saqueado pelos marxistas foi incendiado. A' direita: curiosa fotografia tirada no Alcaçar de Toledo durante o desesperado cêrco das hordas marxistas. Em meio destas ruinas tem-se a impressão de que a nova Espanha, à semelhança da Fenix, não tardará em renascer. Enquanto um dos bravos defensores descança, outro vigia atentamente, aguardando com firmeza o dia da libertação que não tardaria a chegar

FESTAS ARTISTICAS

Homenagem a Tomaz Alcaide — Em homenagem ao ilustre tenor português Tomaz Alcaide, o Clube Estefânia realizou uma grandiosa festa musical que deixou as mais belas recordações pelo seu grande significado artístico. Além da primorosa execução de páginas musicais portuguesas e estrangeiras pela orquestra que o mestre Frederico de Freitas dirige na Emissora Nacional, foram apresentados os mais curiosos bailados pelas discípulas de Madame Britton's. As nossas gravuras acima apresentam duas dessas interessantes exibições

O insigne cantor português Tomaz Alcaide, acompanhado ao piano pelo distinto pianista Jaime Silva (filho) entusiasmou o auditório com o seu variado repertório em que figuram sempre o género opera e o género canção. No final foi descerrada uma lápida na sala de espectáculos, comemorando a passagem do grande artista por aquele clube. As nossas gravuras representam Tomaz Alcaide ladeado por Silva Tavares, Frederico de Freitas, Jaime Silva (filho) e a direcção do Clube Estefânia. — A' direita: bailados das discípulas de Madame Britton's.

Festa no Sporting Clube de Cascais — Dois aspectos duma interessante festa levada a cabo no Sporting Clube de Cascais por um grupo de amadores. Foi representada uma revista em dois actos, podendo dizer-se que em todo o grotesco, houve graça suficiente para passar agradàvelmente um pedaço de tempo. As gravuras acima apresentam: um aspecto da assistência, e a improvisada companhia dramática com os seus curiosos *travestis*.

A BONDADE DE JOSÉ MALHOA

Da grandeza de alma do glorioso pintor José Malhoa falam altamente, não só os seus quadros magistrais, mas até o mais pequenos pormenores da sua longa existência nêste mundo de ingratidões.

Bastaria o empolgante episódio do "Painel das Almas„ que o eminente escritor Dr. Júlio Dantas apresenta no seu livro "Abelhas doiradas„, para se ficar conhecendo a bondade infinita do pintor excelso.

Surge-nos agora outro facto que merece não ficar esquecido. Passou-se ha quarenta e nove anos na cidade de Portalegre.

Malhoa encontrava-se ali a estudar a paisagem para um quadro que projectava.

Quis o acaso que se encontrasse com o arrojado explorador Augusto Cardoso que acabava de regressar da sua expedição á Africa, deixando todos os louros que lhe competiam nas mãos de Serpa

Desenho feito com a penna com que o explorador Augusto Cardoso fez em Africa os croquis dos seus mappas.

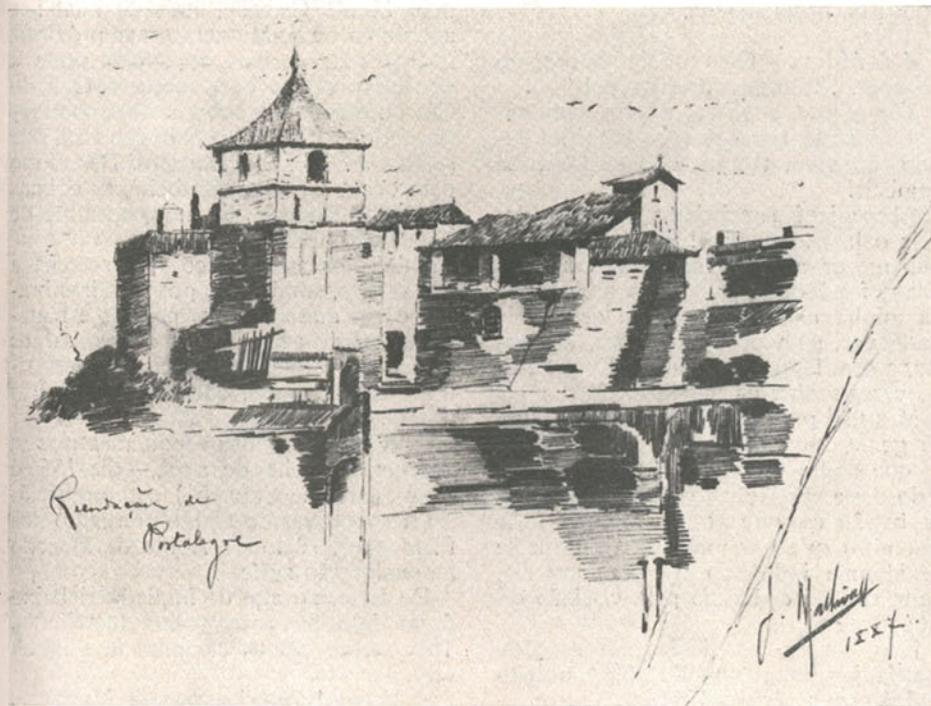
Pinto. Voltava no mais lastimoso estado que poderia imaginar-se. Sofrera tais inclemências, que cegara!

Foi em Portalegre que Augusto Cardoso contara a José Malhoa a sua aventurosa jornada. Depois de ser ferido pela cegueira, sofria ainda as vergastadas da injustiça!

Malhoa ouvia-o enternecido. Pois quem melhor do que êle sabia o que essas vergastadas doíam? Que o dissessem aqueles momentos de desespêro em que o artista, vendo-se preterido no subsídio a que se julgava com direito, quebrara a paleta e os pinceis, jurando não voltar a pintar!

Por isso, ouvia comovidíssimo o relato de Augusto Cardoso.

Três anos antes, o ministro da marinha, Manuel Pinheiro Chagas, encarregara Serpa Pinto de chefiar uma expedição á África Oriental, visto ser necessário estudar vários problemas que muito interessavam ao nosso predomínio colonial. Era forçoso obter uma comunicação directa entre o lago Niassa e a costa de Moçambique, ao norte do Zambeze, para que a soberania portuguesa ficasse suficientemente robustecida.

Serpa Pinto convidara Augusto Cardoso para o secundar, visto o escritor Eduardo de Noronha, ao tempo secretário do govêrno de Lourenço Marques, ter recusado o convite que lhe fôra feito nesse sentido, alegando vários argumentos de pêso.

Saíndo do Mossuril, a expedição tomou o rumo do norte, entrou pela Matibane, passou a baía de Fernão Veloso, e seguiu por Quissangor, Ibo, Mutepuesi, até que foi dar a um ponto que, só pelo nome, não era dos mais convidativos. Chamava-se Medo, e foi ali que Serpa Pinto caíu tão gravemente enfermo, que foi preciso transportá-lo para a costa, na absoluta convicção de que não escaparia.

Foi nessa altura que Augusto Cardoso, assumindo o comando da expedição, continuou a marcha sôbre Matarica com o maior ardor e valentia. Atravessou o rio Liende, e, obliquando a oeste, atingiu o Niassa, nos territorios do régulo Cuirassia, e ali arvorou a bandeira portuguesa. Durante êste formidavel trajecto, apesar de todos os obstaculos e privações, Augusto Cardoso ia tomando apontamentos e esboçando *croquis* à pena. Regressando depois por Blantyre, o arrojado explorador cruzou o Ruo, perto do monte Malange, e foi saír em Quelimane.

Quando mais se entusiasmava no seu empreendimento, cegou, tendo de regressar à Metropóle, inutilizado como um farrapo que nem para rodilha servisse. O intrépido colaborador de Serpa Pinto foi posto de parte, sem lhe terem prestado a justiça devida.

Tôdas estas coisas contou Augusto Cardoso ao moço pintor José Malhôa que o escutava, comovido.

Uma tarde, pegando na caneta que o explorador utilizara nos seus *croquis*, Malhôa desenhou num cartão um aspecto de Portalegre. Desejava deixar uma lembrança ao desventurado Cardoso, e, para mais valorisar o seu trabalho, servir-se-ia da pena que o acompanhara nas adustas paragens africanas.

Feito o desenho que intitulou de "Recordação de Portalegre„, valorisou-o ainda com a seguinte nota do seu punho: *Desenho feito com a penna com que o explorador Augusto Cardoso fez em Africa os* croquis *dos seus mappas.*

Quando todos se esqueciam do intrépido português que não vacilou em substituír um comandante da envergadura de Serpa Pinto, conseguindo dar conta da sua arriscada missão, embora com isso perdesse a luz dos seus olhos, José Malhôa tributava-lhe a mais enternecedora homenagem que um grande artista poderia imaginar.

Os ingratos fôram morrendo, a pouco e pouco, mas o documento assinado pelo excelso pintor ainda existe. Reproduzimo-lo nesta página.

Três anos depois, quando Serpa Pinto regressou ao Tejo, a bordo do vapor "Luanda„, Lisboa embandeirou em arco, havendo manifestações delirantes a que o *ultimatum* inglês, provocado por esta expedição, dera aso.

O rei D. Carlos dignificou o valente explorador com o cargo de ajudante de campo, constelando-lhe o peito com as condecorações da Torre e Espada, de Aviz e de Sant'Iago. No ano seguinte, Serpa Pinto recebia o título de visconde, além da escolha para governador da província de Cabo Verde.

Nada mais justo. Serpa Pinto era, sem dúvida, uma das personalidades a quem o império colonial muito devia, e portanto, tôdas as recompensas seriam poucas.

Mas porque foi esquecido o malaventurado Augusto Cardoso que tanto fez para o bom êxito da famosa expedição?

Suprindo talvez êsse esquecimento imperdoavel, é que José Malhôa, tributou a sua homenagem ao intrépido rapaz que amava tanto a sua pátria, que até a luz dos olhos lhe sacrificara.

NA VASTIDÃO ATLÂNTICA

Em plena ilha de S. Tiago de Cabo Verde

De Santa Catarina à região dos Flamengos

A ponte dos Orgãos

3 de Março. — Dos Picos vimos descendo. Chegamos, pela tardinha, à Assomada...

A vila de Santa Catarina é uma linda povoação, enquadrada pelos montes de Tea, de Mandioca, de Gedugam e da Bôa-Entrada, próximo já da Serra da Malaguêta (1.300^{m}), que se alteia a norte, num panorama de perspectivas fundas.

Descansamos à sombra do arvoredo, na Achada Falcão, junto de uma casa, onde uma senhora europeia nos acolhe e dessedenta.

Seguimos depois, pela Abrigada, entre os ribeiros da Conteira e das Furnas. Nos cotelos, casais enfeitados de *bougainvilles*. Sobranceiro, o monte Pingo de Chuva, boleado e ameno, que é todo uma carícia de linhas.

Na casa de Paulo Pereira montamos a cavalo. A descida para a ribeira dos Flamengos faz-se entre precipícios... E leva meia hora de vibração nervosa — a descida e o perigo!

Tomamos pelo leito torrencial — verdadeiro *oued* algeriano. A penumbra começa apagando os nossos vultos, os canaviais das margens, os casais e os montes.

Alguém canta, ao longe:

Hêm durmi, sonho tormentam;
Hêm cordâ, sodadi matan.
Pan crê arguem que cocrem,
Man crê bâ mar, ben ca bem...

(Dormi, e o sonho atormentou-me: acordei, e a saüdade matou-me. Para amar quem me não queira, antes ir ao mar e não voltar...).

E o canto continua, aiado, lânguido e alanceante, violento e dulcíssimo, definidor da alma ardente e nostálgica duma raça exilada. Como esta poesia creoula é Cabo Verde!: o vago dolente, a saüdade indefinida, a inquietação, o alvoroço, o cansaço, a abismal melancolia...

É já noite cerrada, quando chegamos a Flamengos de Cima.

Ninguem nos espera, mas a nossa aparição parece ser para todos uma agradável surpreza.

A sala de entrada da Casa Grande está cheia de espigas de milho; mal se pode passar para a divisão próxima, onde se reüne a família. Dão-nos um quarto, todo esteirado de cana, com três camas de ferro.

Na cosinha logo o lume flameja; entram e saem, afanosos, os que dão ordem à ceia. Sente-se aqui um bom perfume de lar português, cheio da labareda votiva da hospitalidade.

4 de Março. — Oiço um tímido gorgeio de aves... Rompe a madrugada!

Vêr o vale, conhecer a terra onde entrei na noite, torna-se para mim um desejo tão vivo, tão instante que é quási angústia.

Abro o janêlo anciadamente... Que delícia o hausto matinal! E que sabor inédito me dá a paisagem! Entra em meus olhos, funde-se na minha carne, penetra na minha alma. É como se acordasse, desta vez, na verdadeira África, no sertão, a cem léguas da costa... O que tantas vezes sonhei na mocidade!

Mas não porque sejam diversas a flora e a gente, que uma e outra são conformes às que tenho visto por cá. Todo o mistério desta revelação tropical me vem do ar balsâmico que respiro? O vôo de assombro que por mim passa levanta-se de alguma influência telúrica extranha, nesta solidão embalada pela vastidão do Atlântico?

Fico, imerso em ideias e sensações, àquela janelinha humilde sôbre o leito pedregoso, a vêr o sol subir...

E eu, que sou um prisioneiro vencido, vão lá dizer-me que não sou livre e vencedor! Quantas fôrças há em mim, indomináveis! Que milagres os da Luz e do Pensamento!...

Assenta a Casa Grande num amplo terreiro, rodeado por muros de pedra solta, e sombreado de verão por grandes acácias rubras, que, nesta quadra, levantam os seus ramos desnudos por sôbre os telhados mouriscos. As plantações de cana sacarina estendem-se por esta margem, avisinhando o Monte Bode e o Monte Cotelão. Segue-se o Monte Grande. Para leste decorre a ribeira. E o horisonte estreita-se dessa banda, limitado pelo Monte Cerrado, atrás do qual fica a Calheta de S. Miguel, o mar próximo, que se não vê mas de que se sente a emanação salina. Para sueste, a Chã do Curral; e para sul, sobranceiros, os montes de João Vidal e de Ribeirão Pau, que se liga ao Monte Domingos. Descaíndo para oeste, à borda da ribeira, as colinas do Milho Branco; distantes, o monte de Catarina e o Pingo de Chuva.

Ladeamos as plantações; descemos a um valeiro, sombreado por figueiras bravas e em que abundam papaias e bananeiras. Para avançar, desviamos ramos de anoneira que se entrelaçam; passarinhas, empoleiradas, silenciosamente nos miram.

— A figueira brava espontânea marca, descobre a linha de água — diz Mémé (José Soares de Carvalho), comproprietário dessas terras do antigo morgadio dos Flamengos, sócio de Abílio de Macedo na exploração agrícola.

De facto, ao alto da fundada, debaixo duma figueira, a terra está lenteira... Três metros acima, encontra-se a rocha viva.

— Vamos! Aqui! — manda Memé... Três pretos, com enxadas e picaretas, começam a trabalhar.

Meia hora depois, água remanesce...

— Tem que dar muita água! Não pode deixar de dar muita água! — impõe Macedo. E, como todos os bens de fortuna estão costumados a acudir à voz de Macedo, já se sente gorgolejar.

Os homens vão cavando sempre: aparece a leiva de côr plúmbea... Logo Macedo, entusiasmado, clama: — Terreno podre! Terreno podre! Não pode deixar de ter muita água!

Memé está sisudo, talvez duvidoso, plantado na arriba: é um preto retinto, alto, forte, espadaúdo; seu avô paterno, que, com 111 anos, idade em que morreu, montava ainda a cavalo, era da raça *papel* e veiu da Guiné para Cabo Verde, ainda de mama.

— Cavem, cavem bem, que beberão logo um *grog!* — Ficam contentes, ainda mais pelo *grog* que pela água, os serviçais Aníbal Robalo, João Soldado e Gregório Lopes (o Chadouco).

Fixo os seus nomes, querendo honrar os valentes que estão abrindo aos Flamengos a nova fonte — a *Fonte Cortez*.

E, como agora só cabe um homem a trabalhar de frente, Memé organisa um *roulement:* primeiro 15 cavadelas, e, em crescendo, até 25 — não mais! Assim se vão, alegremente, revesando.

— Tragam mais homens, pretos de rabo! Quero dez homens por bom preço! — recomenda Macedo, na retirada para o almôço.

De novo se sente o rouquejar subterrâneo da água. Pelo menos todos nos convencemos de tal, mesmo Cortez dos Santos, padrinho da Fonte, que hoje está optimista e se interessa a ponto de colar o ouvido ao rocal esfíngico.

Restolhos de milho sobem até às cumieiras dos morros sobranceiros do Bode e do Cotelão. Purgueiras emaranham-se pelas quebradas...

Nas moitas de lântana há rumor; pelos espinhais vem rolando pedras soltas... São dois pretinhos, aqueivadores das cabras nas ladeiras, que, curiosos, se aproximam.

Um bando de galinhas do mato passam ao alcance do tiro, voando.

Mas, como nenhum de nós traz arma mortífera, vão-se a salvo...

Depois do almôço, serão duas da tarde, vamos ao Valeiro da Fonte.

Vieram mais sete homens; arrancaram espinheiros e lântana, abateram papaias; estão rasgando valas.

A nascente rebentou: já corre uma cana de água!

Quero salvar uma esvelta papaia florida...

— É um macho! E derrubam-na logo... A flôr de papaia é branca: na fêmea é séssil; no macho tem longo filamento, e não produz.

O sol está rijo. Sentamo-nos — Abílio, Cortês e eu — na varanda de penedia que está por cima da fonte, à sombra das anoneiras que crescem nos interstícios do basalto.

Uma passarinha vem poisar nos ramos, ao alcance do meu braço.

— Não tem mêdo da bigodeira do Lopes, diz Cortês, que usa barba rapada.

— Não — replico — esta mesmo esteve ontem empoleirada num dos pêlos do meu bigode.

Um dos pretos entende, e ri; por simpatia, riem todos... E' um sucesso de estimação!

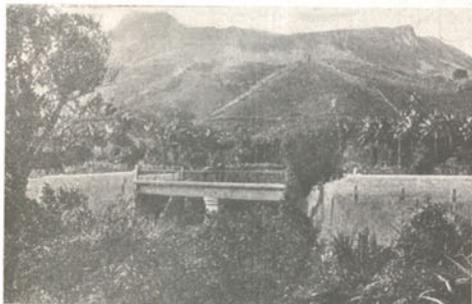
— *Vá li! Pega li! Cava li! Fâchi!* E o trabalho acelera-se, ao comando de Macedo, que não cessa de excitar os serviçais.

— *'n cudába mâ nhô fugiba* (Cuidava que tinha fugido!) observa a um que fôra buscar ferramenta, e tardara. E a outro, que palra sempre:

— *Fra câ nâda, fê quê tudo!* (o dizer é nada, o fazer é tudo!)

Assim, trabalham ao desafio, algaraviando sempre.

Um pretinho, do bando de garotos que viera inspeccionar as obras, vai-se a uma cana, fura-a, e é o primeiro a beber na veia de água. Chama-se Domingos Varela, de Flamengos de Baixo: registe-se para... a História da Fonte Cortês.

E é êle, que anda na escola, e por isso fala, mais ou menos, português, quem tagarela comigo e me informa de coisas que chamam a minha curiosidade. Até que ponto devo acreditá-lo? Não influirá nas suas informações a sua fantasia de creança?

A passarinha vive apenas um ano. Só põe dois ovos. Não faz ninho; abre um buraco na terra, e aí choca. Põe nos mezes de chuva — quási sempre em agosto. Vive em sitio certo — é ave com moradia.

Ha dias apanharam uma, prenderam-lhe uma fitinha, e levaram-na léguas distante; daí a pouco, voltou ao mesmo logar.

Logo que as passarinhas fazem criação, morre o casal procriador. Não comem grãos; são insectivoras.

Ao romper do sol cantam longamente, voando. E' de bom agoiro que vivam perto das casas. Por isso o Djege Mano, um prêto de Covão Apertado, que está ouvindo, depõe a seu favor: — *Ca ta fazê ninguem mal...* (Elas não fazem mal a ninguem...).

Nos rochedos surge uma pretinha, trazendo na mão um pacotinho de fôlha de bananeira:

— Kankan, pápá...

Traz tabaco ao pai. Cortês toma-a nos braços, e desce-a. Volta-se para êle, estende o braço direito, e logo leva a mãosinha sobre o nariz, ràpidamente: é um cumprimento airoso!

— *Como bu tchâma?* pergunta Macêdo.

— Maria.

— Maria de quê? — inquiro.

— Maria di mámâ!

E um sorriso aberto, de divina inocência, paira em seu rosto. Um instante, todos param de trabalhar, contemplando-a enternecidamente...

Os pretos de S. Tiago não fumam. Homens e mulheres mascam ou cheiram. *Kankan*, é tabaco para cheirar; *siré*, para mascar: são preparados ambos com manteiga.

Todos os pretos trazem faca á cinta, numa bainha de coiro. Pergunto-lhes se dão facadas.

— Nenhum deu facadas, declaram, graças a Deus! E todos tiram o chapéu, em louvor de Nosso Senhor Jesus Cristo...

Levanta-se a brisa. Felizmente!

Macêdo ordena: — *Puxa terra li, para mu bâ nós camino!*

Fazem-nos um passadiço, para não molharmos o calçado. Levantam ao ar pás e picaretas, com alarido, saudando. E vamo-nos á Casa Grande.

Lopes de Oliveira.

Uma paisagem caboverdiana

A ponte de S. Domingos

Estrada da ponte de S. Domingos

Um pintamonos qualquer que se dava ares de grande pintor, dizia que ia mandar caiar o tecto da sua casa, para depois o pintar.

Um amigo, entre caridoso e irónico, lembra-lhe:

— Eu, no teu caso, preferia pintar o tecto primeiro para depois o mandar caiar.

■

— Aí vai a D. Amélia. Sendo uma mulher tão formosa, não se compreende que use umas côres tão berrantes.

— Talvez por que o marido é surdo como uma porta.

— E que tem isso?

— Porque, sendo surdo, é preciso berrar-lhe para que êle entenda.

■

Num baile:

— Que te parece a D. Vicência?

— Parece-me que está muito bem conservada, e que, apesar dos seus cinqüenta anos, se defende admiràvelmente.

— Nisso é que eu acho um grande disparate. Para que há de defender-se, se ninguém pensa já em atacá-la?

■

— O homem não deve nunca enganar os seus semelhantes.

— Então porque é que o papá, quando vem alguém pedir dinheiro, manda sempre dizer que não está ninguém em casa?

— É porque os credores não são nossos semelhantes.

■

Um polícia, percebendo que um indivíduo vai a seguir uma dama, dirige-se-lhe dizendo:

— O cavalheiro não sabe que é proïbido seguir as senhoras?

O transeunte:

— Mas eu preciso de me casar...

O polícia:

— Case com uma das suas relações!...

— Na minha profissão nunca se pode ter a certeza do dia de amanhã...
— E' ministro?
— Não, senhor. Sou o Saragoçano!

— Não tive remédio senão despedir a Maria. Imagina que a mandei passear o pequeno, e andou duas horas fora de casa!

— Francamente, não vejo...

— Pois sim, mas é que ella esqueceu-se da criança em casa.

— Hesito entre as minhas duas grandes vocações: a pintura e a música.
— Aconselho-o a fazer música.
— Ah! já me ouviu tocar?
— Não, senhor. E' que já vi os seus quadros.

— O Pires, ao cabo duma vida crivada de dívidas, vai casar-se.

— Que tal é a noiva?

— Muito rica, mas muito magra.

— Percebo: uma verdadeira tábua de salvação.

■

Num teatro, durante a representação de uma comédia, um dos intérpretes, actor de terceira categoria, manifestava grande embaraço ao fazer os gestos, não sabendo, positivamente, onde havia de colocar as mãos.

Um espectador da geral, a quem o facto não passára despercebido, gritou-lhe, com a maior sem-cerimónia:

— Ó homem, se você não sabe onde há de pôr as mãos, o melhor é pô-las no chão...

■

— Uma pessoa, por muito amável que seja, nunca o é demasiadamente.

— Enganas-te; e mudarás de opinião se algum dia te acontecer ter o fôrro do sobretudo roto, e alguém fôr tão amável que teime por fôrça em ajudar-te a vesti-lo...

■

— Porque não te casas, Alfredo?

— Porque não encontro mulher que me convenha.

— Tão difícil és de contentar?

— Não, não é isso! É que eu quero uma mulher bonita, rica e estúpida.

— Porquê? porque há de ser estúpida?

— Porque não sendo bonita e rica não a quero eu, e se não fôr estúpida não me quer ela a mim.

■

— Atenta bem no que te digo, rapaz — dizia um pai para o filho que planeava casar-se — a noiva ideal precisa ter duas qualidades indispensáveis, ser tão bonita que possa encontrar marido ainda que seja pobre, e ser tão rica que arranje casamento mesmo que seja horrivelmente feia.

■

Uma senhora, depois de olhar durante algum tempo para um cesto de laranjas, preguntou ao vendedor:

— Estas laranjas são doces?

— Devem ser, minha senhora — respondeu o vendilhão num galanteio. — V. Ex.ª esteve tanto tempo a olhar para elas.

A dama, lisongeada, comprou as laranjas tôdas.

■

Entre velhos amigos:

— Minha mulher está insuportável. Não calculas o que me arrelia com as suas lamentações sem motivo, lembrando-se sempre do primeiro marido.

— Pois a minha é muito pior. Fala-me sempre do marido que me há de substituir.

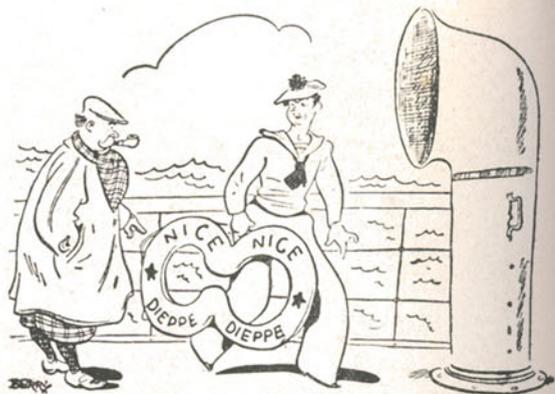
■

A dona da casa para a criada que volta das compras:

— Vis-te se o homem do talho tinha pés de porco?

— Não pude vêr, minha senhora.

— Porquê?

— Porque êle tinha as botas calçadas.

— Um salva-vidas, isso?! Que feitio tão exquisito!
— Destina-se a duas irmãs siamesas que vão a bordo.

A eloqüência da fotografia

Se a descoberta da fotografia veio prejudicar imensamente os bons e clássicos pintores de retratos, o extraordinário desenvolvimento que tem tomado nos últimos anos castiga severamente os muitos artistas modernos que se atrevem a retratar qualquer criatura, a coberto duma impunidade escandalosa.

Vimos, há tempos, numa dessas muitas exposições que para aí pululam como tortulhos, um mamarracho indecifrável que tanto poderia ser um moinho, como um cavalo, ou um rebanho de cabras.

Impelidos por uma natural curiosidade, consultamos o catálogo que nos marcava o número tantos como sendo o retrato da sr.ª D. Fulana, de Tal. Preguntamos ainda a um dos pintores ali representados se não teria havido engano, visto não existir ali o retrato de qualquer senhora, nem coisa que se parecesse, ao que o interpelado declarou com azedume:

— Saiba ver. Aquele é o retrato da sr.ª D. Fulana, e posso afiançar-lhe que está parecidíssimo.

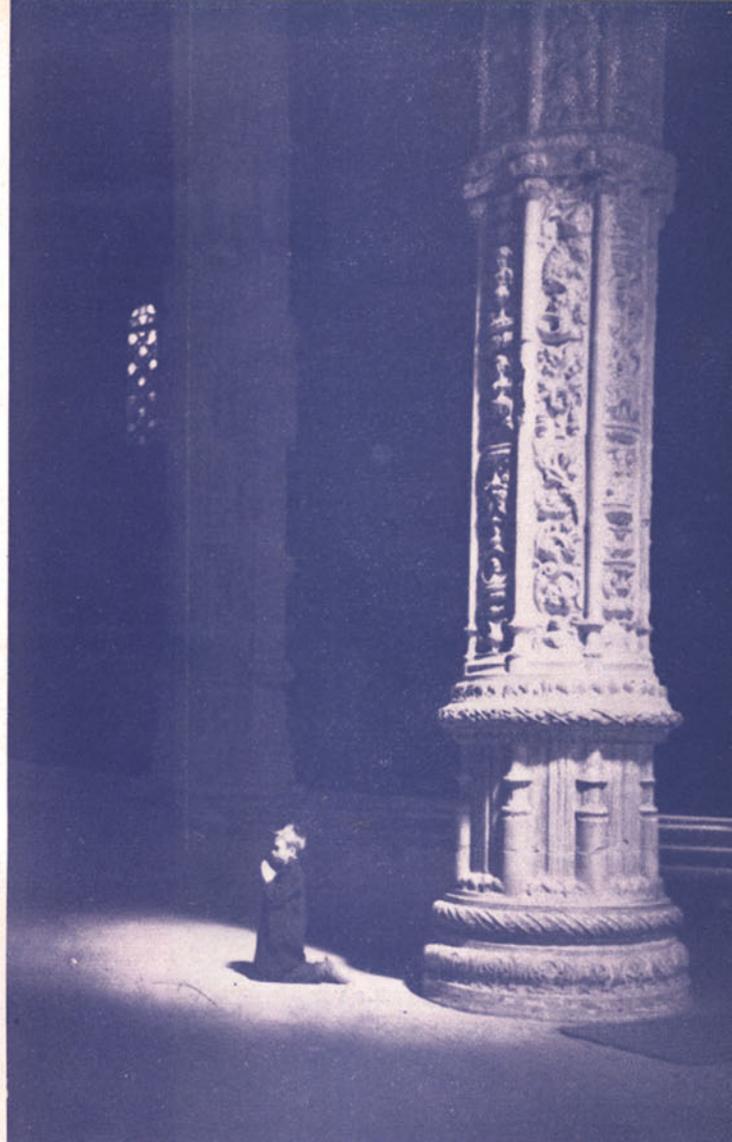
— Mas, por mais que abra os olhos não consigo lobrigar a tal senhora! E, francamente, não sou ainda tão curto de vista que não distinga um vulto feminino dum par de sapatos...

O pintor, em face desta resposta, lançou-nos um olhar perscrutador para os pés. Compreendemos. Metera-se-lhe na cabeça que usariamos botas de elástico. E a prova mais flagrante de que lhe tinhamos adivinhado o pensamento, é que o artista se saíu com esta:

— Aprenda a ver com os olhos da alma. Aquele é o retrato da senhora indicada no catálogo. Que culpa temos nós de que o senhor não saiba ver. O artista moderno não se preocupa com as ridículas semelhanças corpórias que nada valem neste século dinâmico. O que interessa é retratar as almas com tudo o que elas possam ter dentro.

— Quere isso dizer que a tal senhora, sendo filha dum moleiro, a calcular pelo moínho que julgo ver na tela, se dedicou a guardar cabras na sua infância, a aceitar como um rebanho aquelas manchas amorfas que salpicam a tela.

A bola de sabão

A prece

— Nada disso! — rugiu o pintor fora de si — o senhor não sabe compreender estas coisas transcendentes. Ainda há pouco esteve aqui o dr. Fulano que, além de médico, é um distinto crítico de arte, e teceu os mais rasgados elogios a êste retrato. Se ainda há pouco, a referida senhora foi tratada por êste clínico, já vê que êle a deve conhecer perfeitamente.

— Ah! compreendo... Isto então é reprodução colorida de alguma radiografia tirada ao ventre dessa senhora... Assim está bem... Agora estou vendo o enovelado dos instestinos com todo o seu recheio...

O artista soprava já, patenteando nitidamente uma forte vontade de nos correr a pontapés pela escada abaixo.

Por fim, retomando o seu sangue frio, achou mais prudente argumentar com a serenidade que o caso exigia.

— Não seja injusto com o pintor... Aprenda a ver com os olhos da alma. Posso garantir-lhe que êsse é o retrato da sr.ª Fulana de Tal, e está tão parecido, que só lhe falta falar.

— Valha isso, ao menos, ao artista que o fez!

— E porquê?

— Porque se o retrato falasse, havia de dizer boas coisas de quem o engendrou. Talvez as mesmas ou piores ainda das que a retratada diria se aparecesse por cá.

— Assim é impossível discutir. A retratada não veio visitar ainda esta exposição porque se encontra retida no leito por uma doença grave.

— Tratada pelo tal doutor crítico de arte?

— Justamente. Foi êle próprio que nos deu a lamentável noticia.

— Pois conservem amigos como êsse. Se não fôsse êle, nem o diabo os livrava de sofrer um enxovalho.

E, ante a aquiescência inexplicável do artista, rematamos:

— O senhor olhou-me, há bocado, para os pés, na intenção de procurar as tradicionais botas de elástico. Enganou-se. Uso sapatos iguais aos seus. E' possível que tivesse encontrado as tais botas na minha alma, se a soubesse perscrutar. Como não conseguiu, é a minha alma assim vestida e calçada que lhe diz com tôda a franqueza, e sem desprimor para quem quer que seja, que, a uma tela destas que para aí penduraram, prefere uma fotografia artística.

E, juntando o gesto à palavra, mostramos ao pintor uma pequena colecção de fotogrrafias que momentos antes nos tinham oferecido.

— Olhe para isto... Veja com os olhos, veja com a alma, veja como puder e souber... Quando tiver compreendido, estou certo de que não voltará a pintar.

Sérgio de Montemor.

(Fotos de *João Martins*)

Uma noiva atraente

UM TEMA ETERNO

A arte de bem casar

O que os noivos e as noivas devem saber

HÁ trinta e tantos anos, a grande escritora D. Maria Amália Vaz de Carvalho afirmava que «os casamentos iam rareando cada vez mais», surgindo logo quem explicasse que «essa crise estava na razão directa do aumento da luz do progresso que ia dissipando as trevas do passado».

E acrescentava o comentador:

«Á medida que avançamos na estrada luminosa dos tempos modernos, os casamentos rareiam assombrosamente, e êstes sintomas pavorosos são indício manifesto de que os élos que ligavam até agora os laços da família vão sendo contaminados pela acção destruidora do tempo, e se quebram cada vez mais, ameaçando o seu desprendimento total, num futuro talvez próximo....».

Pensava-se assim há trinta e dois anos... Francamente não podemos negar uma certa previsão a êste pensador.

No entanto, não podemos deixar de reconhecer que o casamento constitui uma necessidade, e que o tecto dum lar ha-de ser sempre o mais sólido abrigo enquanto o mundo fôr mundo.

Podem ruír os preconceitos, mas subsistirá o instinto que ha-de estar sempre muito acima do raciocínio.

Portanto, o casamento constituirá sempre uma necessidade absoluta. O que se deve de aperfeiçoar é a maneira de escolher.

Sendo certo, em parte, o ditado que nos afirma que «quem casa, não pensa, e quem pensa, não casa», necessário se torna que alguém bem intencionado — e sem interesses de qualquer espécie, oriente a mocidade na escolha dos casais. Mas não como até agora se tem feito para vergonha da inteligência humana.

Todo o bicho-careta se dá hoje ao luxo de aconselhar noivos, edificando-lhes, a seu modo, um lar feliz, cheio de luz, conforto e felicidade.

Além das agências de matrimónios com uma percentagem reduzida em cada transacção efectuada, existem também as velhas tôlas a dar conselhos piedosíssimos, com muita moral e muito suor encardido, tudo para bem e ventura de quem se casa.

Um horror, santo Deus!... Uma vergonha!

Á semelhança daquele charlatão famoso que, tendo inventado um específico infalível para fazer nascer o cabelo, era careca como a palma da mão, surge-nos a cada passo uma solteirona petulante a querer dar conselhos sôbre o casamento e a melhor maneira de se conseguir obter, a preços reduzidos, a felicidade do lar.

Candura

Através duma lenga-lenga a puxar para uma moralidade rançosa que nem as nossas avós aceitariam, os conselhos sucedem-se ininterruptamente adoçados por vezes numa solicitude que mal mascara o despeito de quem os faculta.

É claro que as donzelas inexperientes e incautas, ante a impertinência da velha que pretende catequisá-las, não se lembram de esclarecer certos pontos essenciais.

Se uma tão arguta conselheira em pontos de casamento conhece a melhor maneira de pescar um noivo capaz, decente e virtuoso, porque ficou solteira? E mesmo que não sentisse tendência para o matrimónio, sendo êsse o motivo de desejar ficar para tia, onde conseguiu experiência para falar sôbre o que não conhece?

Há coisas que só uma longa experiência pode dar — e o casamento é uma delas.

Em vez de tolices emolduradas em pretenciosismos enervantes, bom seria que as *conselheiras* aprendessem alguma coisa para seu uso e benefício, pelo menos. E assim pareceriam menos ridículas. É que mulheres da envergadura de Madame Sevigné não aparecem todos os dias.

A propósito, citaremos a carta modelar que uma senhora sem pretensões escreveu a uma filha que se preocupava com a escolha de marido.

E, como pode servir às nossas jovens leitoras que se encontrem nas mesmas condições, achamos ser de tôda a utilidade transcrevê-la.

Ei-la, portanto:

A noiva e suas damas de honor

«Minha querida filha,

«Casa com um homem verdadeiramente superior que reconheça nas criaturas femininas o direito de pensar e o direito de raciocinar. Casa com um homem que ame e respeite sua mãe e seja amigo das irmãs. Sendo assim, respeitar-te-á e será teu amigo. Casa com um homem que goste das crianças, trate bem os animais e não seja áspero nem grosseiro com os seus inferiores.

«Não te importes com aquele que pretenda impôr-se com a oferta de presentes caros, mas com aquele que fizer de cada presente o intérprete de uma ideia e o símbolo de um pensamento cortez.

«Casa com o homem que te permita discutir as suas opiniões e as dos seus amigos. O teu noivo deve fixar nos olhos, francamente, as pessoas com quem fala. Nota como êle vive em família, observa se é ordenado e correcto nos seus negócios, e estuda os seus gostos e os seus costumes.

«Se assim fizeres, o marido que escolheres pode ser severo para contigo, mas há de sê-lo muito mais consigo próprio.

«Exige que seja mais alto do que tu, e tenha as mãos limpas... não só aparentemente. As mãos, robustas são as que acariciam melhor. Quando agarram não largam.

«O seu gabinete deve estar em ordem, mas não tão exageradamente que revele pedantismo e pouco ou nenhum gôsto artístico. Lembra-te daquele provérbio que diz que «un désordre peut parfois produire un effec d'art».

«Casa com um homem que pense muito, ainda que não seja muito culto, e terás resolvido o complicado problema da relativa felicidade humana.»

Se repararem bem, nesta curtíssima carta está encerrado um volumoso tratado de filosofia que só uma mãe, ansiosa pela felicidade duma filha poderia arquitectar com o mágico poder do seu amor.

Uma outra senhora, após alguns meses de casada, elaborou êste curioso Decálogo que ofereceu ao marido, no dia do seu aniversário natalício, dentro duma artística cigarreira:

«Os mandamentos dos homens casados são dez, a saber:

1.º — Não tragas amigos para jantar sem prevenires de manhã.

Um mistério encantador

Um noivo simpático

2.º — Não esqueças, ao exprimires um desejo, que sòmente tenho duas mãos e que, portanto, não posso trazer-te, ao mesmo tempo, o casaco, os cigarros, os jornais, a gravata e o relójio.

3.º — Não repitas constantemente que tua mãe governava a casa muito melhor do que eu.

4.º — Quando tiveres vontade de ir ao teatro, não tenhas a petulância de insinuar que sou eu a ansiosa por lá ir vêr.

5.º — Não te demores fora de casa até muito tarde. Tem a bondade, ao menos, de fingir algumas vezes que tens prazer em estar algumas horas na minha companhia.

6.º — Adverte-me dos meus defeitos, mas sê indulgente com as minhas imperfeições, visto não haver no mundo ninguém perfeito.

7.º — Quando eu repreender a criada, não elogies a maneira como ela cozinha.

8.º — Evita arrancar os botões quando te despires. Podes economisar uns segundos, mas forças-me a perder uma hora a coser rasgões.

9.º — Quando te falar da minha mãe, não tôrças o nariz... de modo que eu veja. Lembra-te de que quando me falas na tua, me mostro sempre agradável quer goste, quer não.

10.º — Faze-me partilhar, não só das tuas contrariedades, mas das tuas alegrias, e arranja-te de maneira que eu saiba da tua vida... sem ser por intermédio das pessoas estranhas.»

Conclusão a tirar de tudo isto: cada um escolha o par que sinceramente lhe agrade sem dar satisfações da sua vida a quem nada tem com ela.

MAIS UMA DE BERNARD SHAW

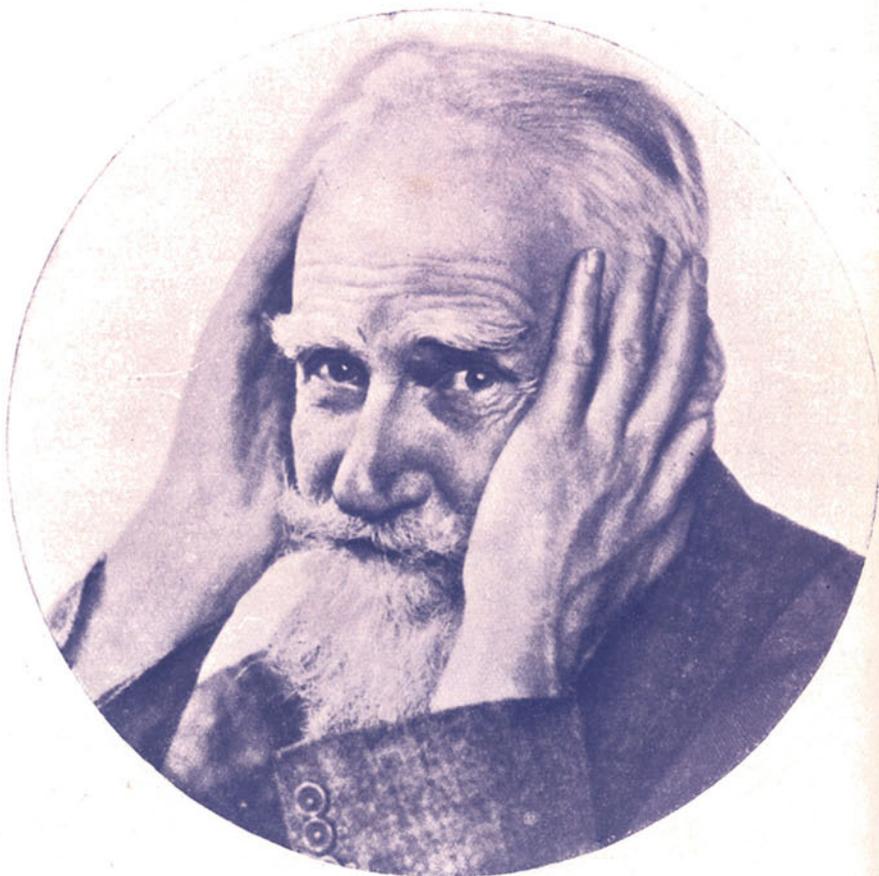
O grande escritor Bernard Shaw, apesar de ter completado em Julho último a bonita idade de oitenta anos, ainda continua a despertar paixões a algumas jóvens românticas e caprichosas.

Embora o ilustre autor da "Santa Joana" seja casado há 38 anos, isso não obsta a que as inflamadas adoradoras lhe enviem cartas apaixonadas, confessando o seu amor por entre a vaguíssima esperança dum casamento.

Aguardar que Bernard Shaw enviuve? Pouco aceitável seria êsse cálculo, atendendo a que o glorioso escritor casou com uma senhora vinte anos mais nova do que êle. Contar com um divórcio? Também não seria de esperar, visto o lar do Mestre ter sido construído em 1898, e com tão sólidas bases que nunca sofreu o mais ligeiro abalo.

Que desejam então as loiras misses?

No dia do seu aniversário natalício, o ilustre octogenário recebeu, entre outros presentes, uma carta de certa jovem que se declarava apaixonada por êle, alegando que, a bem dos dois, deveria tratar-se do casamento, pois seria a verdadeira felicidade.

A descabriada amorosa enviava também o seu retrato em pose teatral, julgando assim fazer realçar mais profundamente aos olhos do seu Adonis vèlhinho a sua beleza física. Em compensação, a carta patenteava claramente que a sua signatária era uma rematada idiota.

Bernard Shaw

A beleza tentadora

Eis um trecho da amorosa missiva:

"O senhor não tem o direito de recusar a minha proposta de casamento, porque uma tal recusa seria um crime de lesa-humanidade. Pela fotografia que lhe envio verificará, sem favor, que sou formosa e até elegante. Verificará que a estética e a plástica se reüniram em mim de um modo admirável. Verificará que, além de tudo isto, sou nova. Calcule o que virá a ser um filho nosso que tenha a sua inteligência privilegiada e a minha beleza. Seria um verdadeiro assombro. O senhor não deve, portanto, recusar o casamento que peço para que a sua inteligência aliada à minha formosura dê ao Mundo assombrado um ser humano que será uma maravilha".

Calcule-se a galhofa que teria havido em casa de Bernard Shaw quando êste tornou pública a carta recebida.

— Mas esta mulher é estúpida como uma porta! — sentenciou um venerando magistrado que se dignara assistir à festa do aniversário natalício do escritor.

— Mas é bonita! — declarava um rapaz deitando o olhar cubiçoso para a fotografia exposta.

— Homem, aproveite — salientava outro — olhe que está disponível!...

— Lá bonita é! — dizia um convidado do canto da mesa — que pena ser tão estúpida!...

Bernard Shaw divertia-se imenso, ouvindo estes comentários. Por fim, fez a seguinte declaração:

— Meus senhores, não é por vaidade que o afirmo, mas até hoje tenho recebido dezenas de cartas de apaixonadas, tentando seduzir-me, mas nenhuma tão idiota como esta. Nunca perdi tempo a dar atenção a estas doidas, mas agora não tenho mão em mim, e vou responder. É de justiça.

E, exibindo uma carta em bom papel de linho, o grande escritor leu com a maior gravidade:

"Minha Senhora:

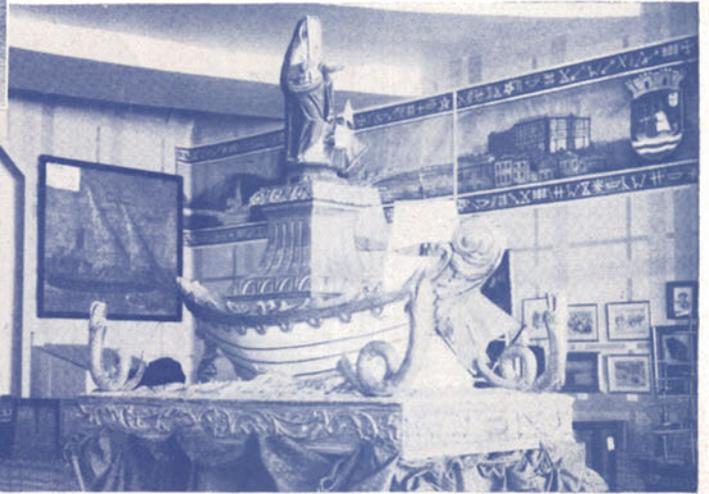
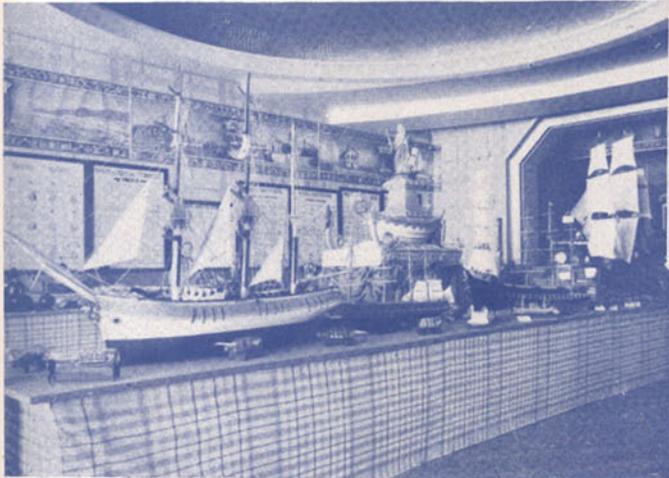
"Respondo à sua amável carta que veio acompanhada da sua fotografia. Fiquei deslumbrado com a sua formosura e a sua elegância que são prodigiosas. Não posso, no entanto, aceitar a sua proposta de casamento porque tenho um receio enorme das surpresas do futuro. Imagine, minha senhora, como seria o nosso filho se, em vez da hipótese que me apresenta, nascesse com a minha *beleza* e a sua *inteligência*...

Bernard Shaw

Em face duma tal resposta, a dama não insistiu no seu propósito, mostrando assim ter algum senso pela primeira vez na vida.

A 1.ª Exposição Regional de Pesca Marítima na Póvoa de Varzim

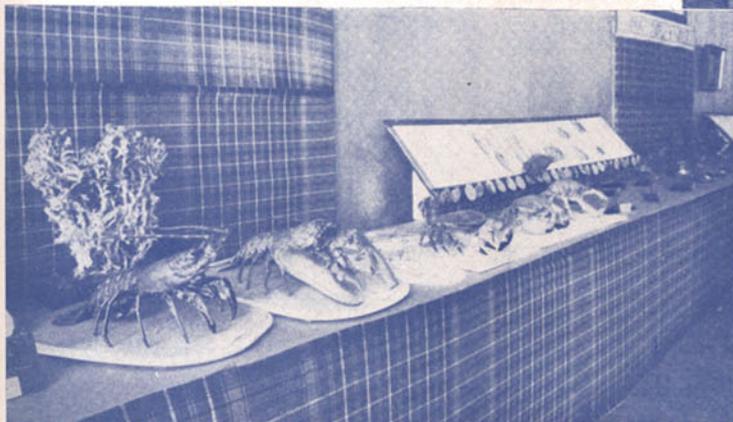
A grande parada dos pescadores do litoral nortenho, desfilando no Passeio Alegre da Póvoa de Varzim, junto ao monumento do Cego de Maio. A nossa gravura dá uma impressão da grandiosidade dêsse cortejo em que milhares de corações robustecidos pelo mar, pulsavam de orgulho por Portugal.

Um grupo de pescadores poveiros, ostentando as suas redes como trofeus gloriosos da sua arriscada profissão. Na ânsia de ir buscar o peixe que se torna necessário para a sua vida, quantas vezes se perdem no seio do mar que fica sendo o seu túmulo grandioso! De pais para filhos vai passando esta herança de heroismos.

Um pormenor da exposição no Salão Nobre do Casino. Os srs. ministros da Marinha, do Comércio e Indústria e o sub-secretário do Estado das Corporações e Previdência Social, honraram o magnífico certame com a sua visita, tendo tido para os seus organizadores palavras de elogio e incitamento.

Dois aspectos da exposição no Casino da Póvoa de Varzim vendo-se nas gravuras que publicamos — a de cima e a de baixo — os barcos e vários exemplares do pescado conseguido. Nada ali faltou desde a aparelhagem à pesca e à forma prática e perfeita como está sendo feita a sua industrialização. Iniciativas destas, encantam!

Um grupo de raparigas do «Aver-o-Mar» que alegraram a exposição com os seus cantos regionais. Dentro dêsses peitos sàdios pulsava um coração cheio de abnegação e capaz dos maiores sacrifícios. São estas as mulheres poveiras, as únicas dignas dos arrojados pescadores tão valentes que nem do mar sentem medo. Ouvir cantar êsse grupo de adoráveis moçoilas, crestadas pelo sol e pela aragem do mar, é ter impressão de estar ouvindo uma epopeia rude mas harmoniosa que as portuguesas doutrora souberam cantar quando ao seu conhecimento chegava os feitos de seus pais, dos seus noivos ou dos seus irmãos em terras distantes ou sôbre as ondas do Mar Tenebroso cheio de perigos de tôda a espécie.

A COMPLICADA QUESTÃO DINÁSTICA ESPANHOLA

COM O TRÁGICO FIM DO CHEFE DOS CARLISTAS

QUEM FICARÁ SENDO O PRETENDENTE AO TRONO?

O infante D. Jaime ao sair de Madrid por se ter proclamado a República

COM a morte do quási nonagenário Afonso Carlos de Bourbon, ocorrido no dia 29 de Setembro, em Viena, por motivo dum desastre de automóvel, extinguiu-se o ramo dos príncipes carlistas espanhois.

Em 1931, tendo falecido o príncipe D. Jaime, seu sobrinho, Afonso Carlos foi proclamado chefe pelos partidários da legitimidade dinástica.

Sabia-se que, alguns meses antes da sua morte, D. Jaime concluíra com Afonso XIII um acôrdo geral, regulando a questão dinástica, visto o príncipe Afonso Carlos não ter descendentes. O sucessor seria, portanto, o príncipe D. João, terceiro filho do último rei espanhol. Afonso Carlos, apesar da sua idade avançada, é que não se decidiu a abdicar dos seus direitos. Por sua vez, os seus partidários da Navarra reconheceram-no sempre como rei, visto representar, a seu vêr, o único depositário das suas tradições.

O príncipe Afonso Carlos, agora falecido, com sua esposa D. Maria das Neves, por ocasião do seu casamento

Quando rebentou a guerra civil em Espanha, o filho de Afonso XIII, aproveitando a ocasião, correu a Pamplona a servir nas hostes revoltosas. Chegou mesmo a ostentar a boina vermelha dos carlistas, na intenção de patentear mais ao vivo o traço de união entre os dois antigos partidos adversários. Nada conseguiu, no entanto, porque os revoltosos, fieis aos seus princípios, pediram a D. João que voltasse a passar a fronteira.

O príncipe Afonso Carlos, esperançado mais do que nunca na sua vitória, seguia com viva ansiedade os acontecimentos de Espanha, animando os seus partidários com cartas entusiásticas que eram lidas aos soldados na frente da batalha.

Apesar dos seus oitenta e sete anos de idade era ainda o bravo que, em 1870, comandando um batalhão de zuavos pontifícios, se distinguira heroicamente na Porta Pia. Não lhe faltava o ardor com que, sessenta e quatro anos antes, durante a segunda guerra carlista, se colocara à frente das fôrças catalãs e aragonesas.

O último pretendente carlista do século passado

O seu corpo, enregelado pela neve de quási noventa invernos, podia vacilar, mas, a alma vibrava ainda com o fervor de sempre.

No dia 25 de Julho escrevia ao chefe dos requetés da Navarra, Manuel Falconde, a seguinte carta:

"Meu muito querido Falconde: — Conhecendo o meu grande carinho pela Espanha, poderás imaginar a grande pena que sinto, ao tomar conhecimento da situação em que se encontra a nossa querida Pátria. Acima de tudo deve salvar-se a Religião, o País e a Pátria. Do fundo de alma te agradeço e aos teus heroicos "requetés" o haverem-se unido ás tropas de Espanha para baterem o comunismo, e infinitas graças te dou, querido Falconde, por haveres ordenado, conforme as minhas ordens, no momento próprio e decisivo, que os nossos "requetés" apoiassem o movimento salvador. Em horas como estas não devemos olhar a questões pessoais de partidos, mas a salvarmos todos juntos a Religião e a Pátria. Estou certo de que no dia de hoje o Santo pelejará à testa dêsse exército de Cruzados, ao brado de "Viva a Espanha"! A nossa Pátria foi sempre o caudilho da Religião Católica e das ideias generosas, e acaba de mostrar mais uma vez a sua vitalidade e a sua grande tradição, erguendo-se admiravelmente contra os inimigos de Deus e da Espanha que a querem agora subjugar. Felicito as nossas províncias carlistas, a nossa comunhão Tradicionalista-Carlista e os nossos heroicos "requetés", cujos altos sacrifícios reconheço, dando o seu sangue e as suas vidas por Deus e pela nossa Pátria. Rogo-te lhes dês parte do meu profundo entusiasmo e admiração. Que Deus te guarde, querido Falconde. Com as nossas melhores lembranças, sou do coração teu afectuosíssimo: — (a) *Afonso Carlos*".

Por esta carta se avalia a firmeza, o ardor e a perseverança dêste velho de oitenta e sete anos!

Sua esposa, a princesa portuguesa D. Maria das Neves, era bem a colaboradora ideal dum tão formidavel caudilho.

Durante a terrível guerra carlista, acompanhou o marido com tal arrojo que Ramalho Ortigão a considerou "a sinistra amazona que os viajantes nos descrevem em legendas lúgubres percorrendo ao lado de D. Afonso os campos das batalhas, sorrindo aos cadáveres que juncam os despenhadeiros e os barrocais, varados pelas baionetas, esmagados pelas carretas, ao ar voluptuoso das noites espanholas, rindo para o ar com as visagens pavorosamente grotescas da agonia...".

Nêsses tempos não estavam habituados, pelo visto, ao heroismo feminino...

A filha de D. Miguel de Bragança, o rei expulso de Portugal pelo irmão sabia compreender as ambições do marido, e acalentá-las como ninguem.

E assim viveu êste casal numa esperança cada vez mais firme durante mais de meio século e sempre com o mesmo ardor.

Mas o destino é caprichoso! O aguerrido caudilho carlista que em 1872 se colocara à frente dos seus partidários, expondo a vida em mil e um lances perigosos, consegue sempre saír incólume, para ir morrer com oitenta e sete anos de idade, num desastre de automóvel!

Estampilha postal emitida pelos carlistas em 1872

O seu aniversário natalício havia sido festejado, dezassete dias antes, no seu palácio de Viena, com verdadeiro entusiasmo.

Lá de longe, o pretendente seguia a luta em Espanha e confiava na vitória dos "requetés". Na ânsia de estar mais perto dêles conservara o seu castelo de Quetarry, junto de Hendaya, onde se instalava sempre que podia, ali recebendo os seus correligionários, e estudando com êles o plano da restauração.

É, na verdade, digna de admiração a tenacidade dêsse ancião venerando que de velho apenas tinha os cabelos brancos e as pernas trôpegas, visto que o seu espírito manifestava uma juventude eterna, capaz de todos os sacrifícios e heroísmos.

Agora, com a sua morte, a pretensão carlista deixou de existir.

Vem a propósito dizer que o problema dinástico em Espanha constituiu sempre o mais inquietante problema para os monarquistas, quer do lado de Isabel II, quer do lado de Carlos de Bourbon.

D. João de Bourbon, actual príncipe das Astúrias com sua esposa na viagem de núpcias ás ilhas do Hawai, ostentando o tradicional colar de flores

Chegou-se mesmo a procurar um rei como quem procura um empregado, por meio de anúncio ou coisa parecida. Dir-se-ia que os espanhois, á semelhança das rãs da fábula, desejavam um rei, viesse êle donde viesse. Por êsse motivo, talvez, é que lhes caía em cima, quando menos esperavam, ora um tronco de árvore, tôsco e disforme, ora um grou espertíssimo e voraz. Mas nem assim desanimavam na procura dum soberano que lhes enchesse completamente as medidas. Haja vista a ansiedade do general Prim quando pretendeu seduzir-nos e viuvo de D. Maria II ou o seu filho D. Luís, acabando por aceitar, á falta de melhor, o ingénuo Amadeu de Saboia que, em pleno verdor da mocidade, não sabia ainda compreender a imensa ingratidão dos espanhois, e só por isso os aturou durante os cinco mais amargurados anos da sua vida.

E por muito feliz se deveria ter dado em não lhe suceder o mesmo que ao igualmente ingénuo Maximiliano do México, visto que até as vozes de comando do pelotão executor eram rigorosamente iguais.

Em Espanha, os ídolos duram pouco tempo. A maior figura de que o país visinho póde orgulhar-se, foi incontestavelmente o imperador Carlos V. Não era espanhol, mas isso pouco importava. Também Napoleão não era francês, e nem por isso deixou de envaidecer a França com as suas vitórias. Um belo dia, Carlos V, entendeu que era mal empregado o seu esfôrço em governar tal povo, e foi recolher-se num mosteiro de tão espessos muros que muito dificilmente ali penetraria a inevitavel ingratidão.

Ora, no caso de ser restaurada a monarquia em Espanha, quem deveria ser proclamado rei?

Voltaria Afonso XIII? E por sua morte? Sempre se falou no terceiro filho dêste soberano, o príncipe D. João, visto ser, de todos os seus irmãos, o que parecia mais escorreito.

Assim se explica o acôrdo firmado em 1931 entre D. Jaime e Afonso XIII para garantia da sucessão dinástica, dando D. João como legítimo herdeiro da corôa de Espanha.

E se os mais exaltados tradicionalistas não aceitaram uma tal solução, visto existir ainda o príncipe Afonso Carlos, agora, com a morte dêste, não teriam outro caminho a seguir.

Desgraçadamente, parece que o destino se obstina a inutilizar-lhes os planos.

Segundo uma comunicação recebida de Lausana, o príncipe D. João está gravemente doente, rodeado pelos cuidados da esposa, de várias pessoas de família e do infante D. Carlos e princesa Rosa de França. O ilustre enfermo apresenta manifestações particularmente graves da afecção que o tem perseguido, inchando-lhe desmesuradamente uma das pernas. Alguns médicos vêem na manifestação de agora uma fórma de hemofília, e outros consideram-na elefantíase.

Acrescenta a comunicação que os meios monárquicos se mostram preocupados, pois que, a seguir à morte recente do pretendente tradicionalista D. Afonso Carlos, a união quási unanime dos realistas espanhois parecia fazer-se sôbre a pessoa de D. João, pretendente único no caso da restauração da monarquia em Espanha.

Afonso XIII

Quem ficará sendo, portanto, o novo pretendente ao trono espanhol?

Com o príncipe D. João, terceiro filho de Afonso XIII, não pode contar-se, visto que nem a sua sombra os carlistas querem vêr. Quando o caudilho Manuel Falconde conseguiu reunir, na província de Navarra, o melhor de trinta mil homens bem armados e equipados para bater os marxistas, poz logo a questão de ser interdito o trono espanhol a Afonso XIII.

Com a chegada do príncipe D. João, que pretendia aproveitar o momento, o paladino carlista rugiu: *Jamás en la vida!*

Para êle — e para todos os partidários do legitimismo espanhol — os isabelistas são e foram sempre os usurpadores dos sagrados direitos do seu rei.

Quem ficará sendo, pois, o pretendente ao trono espanhol?

Gomes Monteiro.

D. Maria das Neves, 1.a filha de D. Miguel de Bragança por ocasião do seu casamento com o príncipe Afonso Carlos

A LUTA PELA VIDA

O MOVIMENTO DOS MERCADOS

E A ENCARNIÇADA BATALHA TRAVADA TODAS AS MANHÃS

A vida dos mercados, sendo das mais pitorescas que conhecemos, não tem despertado grande atenção aos nossos artistas. Sempre que podem, os ilustres pintores da nossa terra afastam-se para os campos ou para as praias, e daí a infinidade de paisagens rústicas, belas é certo, e as marinhas nem sempre majestosas, que nos aparecem em dezenas de exposições de arte.

De quando em quando, um mestre da paleta digna-se conceder uns momentos de atenção a uma ou outra vendedeira de mercado — e por aqui se fica êste valioso documentário.

Que nos conste, ainda não houve um pintor que fixasse na tela a alma dos mercados em tôda a sua beleza e movimento. Estamos em crêr que o artista que conseguisse reproduzir a agitação colorida duma grande praça de víveres, teria alcançado ir além das inspirações do pintor David nas suas tão apregoadas batalhas.

Sim, porque a vida dos mercados é uma grande batalha também, desenvolvendo-se ali, hora a hora, minuto a minuto, um formidável poder estratégico, tanto da banda dos que compram como da banda dos que vendem.

Logo de madrugada, mal o ceu começa a clarear, a artilharia pesada, constituida por camiões de peixe e carne, toma posições em volta da praça. Começam a chegar carros de munições, puxados por bois pachorrentos e fleumáticos. Os vendedores e vendedeiras abrem as suas trincheiras e formam as suas barricadas, à espera do inimigo. Ei-lo que chega, incarnado nas boas donas de casa.

Começa a batalha.

Tudo isto é tão lindo e pitorêsco que dá vontade de gritar bem alto o lamento do poeta do "Só":

Qu'é dos pintores do meu país extranho,
Onde estão êles que não vêm pintar?

Não se esqueçam, portanto, se é que não o ignoram inteiramente, que umas das coisas mais interessantes que a vida citadina nos apresenta, é a agitação turbulenta e colorida dos mercados, por cujas oscilações se regula o ventre da população.

Nêsse constante vai-vem de pessôas que procuram comprar nas melhores condições tudo o que carecem, esconde-se uma ânsia formidável de conquistar o que se cubiça, mesmo que o dinheiro não chegue para saciar a ganância desenfreada das colarejas.

A dona de casa aproxima-se cautelosamente como se o fizesse diante duma jaula de hienas, e apreça aquele repôlho, aquele molho de nabiças, ou aquela couve lombarda.

Ante o preço exagerado que lhe pedem, afoita-se a oferecer a quarta parte, arriscando-se, como se calcula, a levar uma má resposta capaz de fazer encavacar um carroceiro.

Acabou-se. A arte de comprar tem dêsses aborrecimentos...

A dona de casa segue adiante, serena e imperturbável, se é educada, ou depois de ripostar em tom idêntico à colareja, se é tão malcriada como ela, ou mais ainda, se possível fôr.

Quantos sacrifícios e quantas arrelias! E' freqüente ouvir-se dizer a qualquer dona de casa que a função de organizar o almôço e o jantar é das mais trabalhosas que existem, mesmo quando se dispõe de dinheiro suficiente para efectuar as compras necessárias. Claro está que, por via de regra, o marido não liga a menor importância a tais desabafos, levando até a sua ingratidão a torcer o nariz ante a ementa apresentada...

Se é carne, é porque é carne, se é peixe, é porque é peixe...

Bom seria que todos êsses rabujadores se dessem ao trabalho de acompanhar a criada à praça, e fizessem as compras a seu modo.

Seria curioso experimentar!

(Fotos de João Martins).

A QUINZENA DESPORTIVA

O atletismo e o ciclismo portugueses em 1936

Alfredo Trindade, o melhor ciclista português de 1936

A segunda quinzena do mês de Outubro marca, na actividade desportiva, o período de transição das modalidades estivais para os jogos de inverno. Acabam o atletismo e o ciclismo, começa o futebol.

A época dos atletas portugueses não foi brilhante, mas deixa-nos uma impressão agradável; teve como principal característica a revelação de novos elementos que impuzeram a sua classe nas competições com os atletas consagrados, renovando os quadros de valores e trazendo novo alento às nossas esperanças de progresso.

Estão nêste caso, Barreiros Gomes, Manuel Nogueira, Manuel Oliveira, Raúl Rogério, Neves Carvalho, António Calado, Ramiro Ferrão, Carlos Antero e Manuel Farinha, todos de Lisboa, Araujo Vieira e Abel Oliveira, ambos de Braga. O Pôrto, onde o atletismo é tão acarinhado, não nos ofereceu êste ano novos que se impuzessem.

A prova material do valor dêstes rapazes está no elevado número de "records" da sua categoria, nada menos de sete, que foram batidos no decurso da época, ao passo que os atletas de categoria superior apenas conseguiam melhorar três dos seus máximos.

Comparando os resultados de 1936 com os dos anos imediatamente anteriores compreende-se melhor os motivos que nos levam a considerar lisonjeiramente um conjunto de marcas que, encaradas pelo seu mérito absoluto, não passam além de modestas.

Tôdas as apreciações referentes aos feitos dos portugueses devem assentar sôbre a base fundamental do nível anterior do nosso atletismo, averiguando o sentido e a intensidade da evolução e fugindo a comparações despropositadas com elementos colhidos em meios muito diversos.

Se elaborarmos uma tabela com os dez melhores resultados conseguidos em todos os tempos em Portugal em cada uma das 17 provas do programa clássico, verificamos que 28 desses 170 elementos reünidos, foram obtidos em 1936, e 20 em 1935, escalenando-se os restantes em 21 anos de actividade. Estes números mostram claramente que os novos vão destronando os antigos das suas posições, não por valores isolados mas por um ataque em massa muito mais significativo.

Em velocidade pura, os tempos dêste ano não baixaram e foi ainda um veterano que dominou a situação, mas em 400 metros foi o "record" egualado por dois novos, Miguel Cunha e Barreiros Gomes, em 800 metros foram obtidos o 3.º e o 7.º resultados, êste último por um estreante na distância; em 1500 metros, Matos Henriques bateu o velho mínimo de António de Almeida, em 5.000 métros a época forneceu o 5.º e 7.º melhores tempos e em 10.000 o 6.º.

Na prova de 110 metros barreiras não houve revelações e nos 400 também com barreiras, três novos sobem aos 6.º, 8.º e 10.º postos da tabela.

Nos concursos de saltos registamos, 1m,76 em altura pelo pequeno Carlos Antero, 2.º resultado português, 6m,67 em comprimento por outro pequeno, Manuel Oliveira, também 2.º resultado nacional na especialidade, e 6m,55 por Miguel Cunha, 5.º resultado; 12m,97 no triplo salto, por José Neto, 3.º melhor alcance e, finalmente, 3m,22 com a vara por Raúl Rogério, que se classifica o 7.º saltador português.

Nos lançamentos não há tanta egualdade; mediocridade no peso e no martelo, um excelente novo "record" do disco, com 41m,62 por Herculano Mendes e uma bôa promessa no dardo com os 47m,2 de Manuel Farinha, 5.º melhor resultado nacional.

Acrescentemos ao activo, com o seu mais precioso ornamento, o 17.º lugar de Manuel Dias na Maratona Olímpica, alcançado à custa de energia e vontade bem portuguesas, depois dum princípio de prova entusiastico e dum verdadeiro martírio no percurso final.

Já dissemos algures o que pensavamos da prova do nosso campeão; Manuel Dias evidenciou a sua grande classe, e melhor teria terminado se não houvesse cometido dois êrros formidáveis, um de táctica outro de técnica, ambos para estranhar num corredor prático e inteligente.

Há confrontos que é sempre lisonjeiro recordar; êste que segue conta no número, não esquecendo que é injusto apreciar resultados pelo mérito absoluto, devendo entrar em conta no julgamento os factores relativos à capacidads e recursos do meio que cada atleta representa.

Tomaram parte na Maratona de Berlim corredores de 27 países, dos quais Portugal foi o 10.º classificado pelo melhor homem: Japão 1.º, Inglaterra 2.º, Finlândia 4.º, África do Sul 6.º, Suécia 10.º, Grécia 11.º, França 12.º, Austria 14.º, Canadá 15.º e Portugal 17.º.

Depois de nós vêm alguns grandes senhores do atletismo mundial, o que nos valorisa a proeza de Manuel Dias.

Exemplos: primeiro americano 18.º, belga 20.º, dinamarquês 25.º, alemão 29.º, poláco 33.º, suisso 34.º.

■

Os ciclistas desenvolveram também durante cinco meses e meio uma animada actividade. Dêsde os 50 km. clássicos que em 20 de Abril inauguraram a época, até ao admiravel Circuito das Beiras que de 4 a 7 de Outubro fechou com chave de ouro a série das manifestações velocipédicas, o interêsse do público manteve-se desperto, apesar de privado do seu acepipe, predilecto, a Volta a Portugal.

O calendário das provas foi valorizado pela participação em duas corridas dalguns bons especialistas francêses e dum grupo mais modesto de catalães; uns e outros cederam ante a impetuosidade e o entusiasmo dos nossos representantes, e pena foi que o facto não tivesse animado os dirigentes do ciclismo a selecionar os melhores homens e insistir junto do Comité Olímpico para que fôssem incluidos na delegação aos Jogos de Berlim.

Considerando a superioridade indiscutida dos corredores lisboetas, a apreciação dos melhores valores tem que ser baseada na respectiva actividade, e a estatística inédita que segue, tendente a uma classificação geral dos estradistas firma-se nos elementos fornecidos pelas 16 corridas da época onde figuraram os especialistas da capital, que assim dividiram entre si as primeiras classificações:

Alfredo Trindade — campeonato nacional, Pôrto-Lisboa, Circuito Internacional, Circuito das Beiras.

Felipe de Melo — 50 km. clássicos, Voltas dos Campeões, Voltas a Mafra.

José Marquez — 100 km. contra-relógio, 160 km. por equipas contra relógio.

Joaquim Fernandes — 100 km. clássicos, Volta ao Algarve.

Cabrita Mealha — Campeonato Regional.

Aguiar da Cunha — Voltas ao Cartaxo.

Ildefonso Rodrigues — Circuito de Matacães.

Cesar Luís — Giro do Minho.

Martins Aguiar — Voltas a Espinho.

Alguns dêstes resultados fôram obtidos com inegualado brilho, visto que baquearam os respectivos recordo; tal fôram os casos de Marquez, nas provas contra relógio em que é especialista, e de Alfredo Trindade no Pôrto-Lisboa.

Para classificar com maior exactidão o mérito relativo aos corredores em bicicleta durante a época, é porêm insuficiente a contagem exclusiva das vitórias, pois os lugares de honra representam também um esfôrço efectivo digno de apreço. Dentro dêste critério elaboramos uma tabela entrando em conta com os dez primeiros de cada prova aos quais fôram atribuidos pontos decrescentes desde dez a um conforme a respectiva ordem de chegada.

Em face desse documento os homens que somaram maior número de pontos, merecem ser considerados os melhores e os regulares da época.

Julgam os leitores se as indicações que a nossa estatística fornece coincidem com os resultados do seu critério pessoal.

1.º — Alfredo Trindade, 70 pontos; campeão nacional, vencedor das três mais importantes provas do ano, 2.º classificado nos 100 km. contra-relógio, 3.º na Volta dos Campeões, 4.º nos 100 km. clássicos, 5.º nas Voltas ao Cartaxo.

2.º — Ildefonso Rodrigues, 64 pontos; vencedor duma única prova, mas 2.º no campeonato nacional, no Pôrto-Lisboa e no Circuito Internacional, 3.º nos 100 km. clássicos e na Volta ao Algarve, onde venceu duas jornadas, 7.º nas Beiras com uma vitória de étapa e nas Voltas ao Cartaxo, 8.º nos 160 km. contra-relógio.

3.º — Felipe de Melo, que além das três vitórias já indicadas, concluiu em 2.º lugar com o circuito das Beiras, com o mesmo tempo de Trindade, e os 100 km. clássicos, 3.º nos 100 km. contra-relógio e 4.º no Pôrto-Lisboa. Soma 63 pontos.

4.º — Aguiar da Cunha, 59 pontos; 1.º no Cartaxo, 2.º em Espinho, e em Mafra, 4.º nos 100 km. contra-relógio, 5.º nos 100 km. clássicos e contra-relógio e 6.º nos 50 km., 7.º no Circuito Internacional e 8.º no Pôrto-Lisboa.

5.º — Martins Aguiar, 57 pontos; vencedor em Espinho, 2.º nos 50 km., 3.º no Circuito Internacional, 4.º em Matacães, 5.º nos 160 km. contra-relógio, no Pôrto-Lisboa e na Figueira, 6.º nos 100 km. contra-relógio.

6.º — José Marquez, 55 pontos; vencedor nas duas corridas contra-relógio, 2.º em Matacães, 3.º nos 50 km., 4.º no Circuito das Beiras ganhando as duas caminhadas contra-relógio, 5.º no campeonato regional, 6.º no Pôrto-Lisboa.

7.º — José Maria Nicolau, 40 pontos; 2.º no campeonato regional, 3.º nos 160 km. e 4.º nos 100 km. contra-relógio, 5.º no campeonato nacional, 6.º no Cartaxo e em Espinho.

8.º — Joaquim Fernandes, 39 pontos; além de vencer duas importantes provas, foi 2.º no Cartaxo, 6.º nos 160 km. contra-relógio, 8.º no circuito das Beiras, e 9.º no campeonato regional.

9.º — José Braz, 39 pontos; 3.º no Circuito das Beiras, 4.º na volta ao Algarve e em Mafra, 7.º nos 100 km. e na Figueira, 8.º nos 100 km. contra-relógio, 9.º no Circuito Internacional e em Matacães, 10.º nos 50 km. e nos 160 km. Foi o corredor que maior número de classificações obteve.

10.º — Ezequiel Lino, 38 pontos; 2.º nos 160 km., 3.º no Cartaxo, no Pôrto-Lisboa e no Giro do Minho, 6.º no Campeonato Regional.

Eis, pois, num rápido balanço o que se pode apurar acêrca da actividade desportiva e que, não sendo ainda modelar, é, no entanto, muito significativa, mostrando já o muito que poderemos esperar da sua expansão... Tudo se ha de fazer com boa vontade e seguindo os salutares exemplos que alguns países nos estão dando. A matéria prima é boa. Não lhe faltam qualidades excepcionais (mais até do que as apresentadas pelos grandes campiões) e fôrça de vontade capaz de operar prodígios. Aguardemos que, adentro do bom senso e da disciplina perfeita, se chegue à finalidade que todos nós desejamos ardentemente.

Salazar Carreira.

Um grupo de corredores disputando o Circuito das Beiras, onde se notam todos os valores da época

Barreiros Gomes foi durante a época de atletismo um dos novos que mais se notabilizou

Antonin Magne, o melhor ciclista do mundo em 1936

O MUSEU DE CLUNY

Paris é a cidade dos contrastes. Em parte nenhuma como ali, se veem as várias facetas da vida acotovelarem-se e amontoarem-se. Num bairro, a vida de alta elegância, de frivolidade cheia de espírito, no outro a vida tranqüila duma cidade de província, mais além o bairro da boémia, da vida nocturna, do bulício, do cosmopolitismo, a pouca distância o bairro dos estudiosos, daqueles que dedicam tôda a sua vida à ciência, à literatura e à arte.

De bairro para bairro temos a impressão de ter mudado de cidade, de nos termos transportado a uma grande distância, tão diferente entre si, e o aspecto dos vários e imensos bairros da cidade da luz; que sem os faceis meios de transporte que há, seriam quási desconhecidos de uns para os outros.

A velha «rue de S.t Louis» com os seus recantos medievais, não parece poder existir a dois passos dos grandes «boulevards», imensas artérias modernas, ladeadas de lojas em que as últimas invenções da humanidade se acham expostas. As últimas criações dos mais audaciosos costureiros, os mais modernos chapéus que a imaginação fecunda das modistas, fantasiou para tornar mais belas as mulheres, conseguindo apenas muitas vezes, torná-las mais feias.

Os últimos livros, os últimos modelos de automóveis, nos cinemas as últimas películas, tudo no estrondo do movimento mais moderno, duma multidão modernista.

Mas uma das maiores surpresas, que nos dá Paris, a cidade do inesperado é sem dúvida o Museu de Cluny.

Dum lado o «boulevard» Saint Germain com as suas livrarias antigas, com as suas lojas dum luxo discreto, como convém à principal artéria dum bairro aristocrático e sério, do outro lado o «boulevard» Saint Michel com a extraordinária animação que lhe dá a multidão de estudantes, que de tôda a parte do mundo, vem à cidade sem igual formar a sua intelectualidade, abrir à sua juventude em flor as portas áridas da ciência.

O movimento é sempre duma alegria esfusiante, nesse «boulevard» frequentado por artistas, por estudantes, os cafés da Rotonde e o de Isarcourt dão a nota com os seus frequentadores tão característicos.

Esta primavera, com as greves e a agitação política, que já se fazia intensamente sentir, mais do que nunca a vida moderna, se adivinhava. Nesse choque de ideas, que abala a sociedade moderna, nesse ataque e nessa defesa à civilização europeia, ameaçada pelas ideas que do Oriente da Europa querem avançar.

Rapazes cheios de vida e de animação vendiam os jornais das direitas, que apesar da vigilância dos grevistas se publicavam, vigiados, apupados, pelos de ideas contrárias.

A vida moderna com as suas lutas, com os seus contrastes, com a sua intensa vida, essa vida que uma mocidade generosa defende dos ataques demolidores, estava sintetisada na agitação, no movimento que se sentia e se ouvia no animado «boulevard».

Uns passos mais, seguimos uma grade de um jardim, entramos numa velha rua num portal antigo, e, estamos na Idade Média, no páteo dum palácio da época com o seu poço, com o seu empedrado irregular, com o edifício característico da época, num profundo silêncio. Temos a impressão de viver num conto de fadas.

Estamos no Museu de Cluny, nesse velho museu encastoado como pedra preciosa em joia antiga, entre o aristocrático bairro e o bairro da Sorbonne, da Escola de Medicina, bairro de estudantes e de estudiosos.

E mais bela joia não podiam apertar no seu engaste, êsses dois bairros tão interessantes, bem que tão diferentes.

A seu lado a sala chamada das termas de Juliano leva-nos ao começo do século VI e ali transportadas à velha Roma, que quem uma vez a visitou nunca mais a esquece, podemos admirar as pedras veneráveis do Paris galo-romano.

No seu jardim encantador dum sabor arcaico, há restos magníficos de escultura gótica, apenas separados da rua por uma simples grade, podendo ser admirada, por aqueles que circulam apertados pela esmagadora vida moderna, lembrando a Loggia dei Lancia da bela Florença.

Entrando a porta do museu, encontramo-nos na sala dos guardas, do antigo palácio de Cluny.

A escada e todo o palácio conservam o mais encantador aspecto da época, e êsse palácio encerra, uma admirável e muito completa colecção de objectos raros, da Idade Média e da Renascença.

Loiças, quadros, vestuários, armas, rendas, joias, tudo ali se admira, tudo ali se pode estudar. Nas salas das armarias conserva-se como relíquia os mantos da extinta Ordem do Espírito Santo, ordem de cavalaria, que em França recebia a fina flor da aristocracia, sendo quási exclusiva aos príncipes de sangue.

Na sala das joias encontramos a mais preciosa colecção de joias, desde a época romana. Entre outras joias tem um admirável anel, que pertenceu a Joana d'Albret, e que é um dos mais belos trabalhos de joalharia antiga que se pode observar.

Uma sala interessante, e que é perfeita no seu género, é a sala do calçado, que está representado nas mais variadas formas, havendo borzeguins que nos admiram, por nos parecer quási impossível, que em tempo algum, pés humanos pudessem ter neles entrado.

Mas uma das salas onde os olhos femininos se sentem presos e arrebatados é sem dúvida na sala das rendas.

A renda foi, é, e será sempre a tentação da mulher. Não há joia que suplante a uns olhos de mulher, a beleza duma renda, dessa delicada espuma de desenhos delicados, que saiu dos afusados dedos femininos e que só pela mulher podia ser feita. Há nessa sala um dos mais belos exemplares de renda que me tem sido dado contemplar. Em finíssima renda de Bruges, uma gola e uns punhos para cavaleiro.

Vemos essas rendas mortas sob o pêso do vidro que as recobre, viver na gola e nos punhos, do gibão de veludo, dum audaz cavaleiro de audaz expressão e mãos delicadas, mas de ferro, habituadas a manejar com coragem e valentia o aço da sua espada pronta ao combate e ao duelo. Em mobiliário tem coisas maravilhosas e em obras de talha em madeira tem preciosidades.

Numa pequena sala do rez-do-chão que tem um místico ar de oratório tem um magnífico retábulo em madeira entalhada, que é uma preciosa amostra da arte flamenga em 1513. É conhecido pelo retábulo da Eucaristia e é da Escola de Anvers.

Os olhos encantados não se podem apartar das inúmeras preciosidades que nos rodeiam. O silêncio e a tranquilidade do museu, as suas janelas de vidros de côr, vitrais que dão a tudo um aspecto de beleza e recolhimento, leva-nos às remotas épocas que êste edifício tem atravessado.

Vivemos horas no passado e custa-nos sair dele e entrar na vida actual. A' porta há um recuo, no páteo sentimos o desejo de voltar atrás e ao sair para a velha e tranquila rua, que nos separa do ruído, do movimento, das lutas, que a vida de hoje representa, sentimos profundamente a saudade dessas horas que vivemos no passado, que atravessamos atravez do vestuário, dos móveis, das armas, das joias e das rendas, numa miragem de elegância e beleza, que nos tira um pouco a coragem da luta pela vida.

Mas é preciso viver e essas visitas ao passado devem apenas servir, para fazermos o presente mais belo, mais artístico, mais acolhedor para os que depois de nós virão.

Com certeza, é que nos decidiremos a continuar a nossa marcha através das misérias humanas de que a nossa alma desejaria estar afastada para sempre.

É necessário abrir caminho àqueles que nos hão de suceder nesta trabalhosa jornada — e isso nos basta.

Maria de Eça.

O jardim do museu de Cluny

A BANDEIRA BRANCA

A vida dos povos levou tal volta e ameaça transformar-se de tal maneira — não sabemos ainda em que sentido — que todos nós precisamos reflectir muito, pensar muito e comparar resultados, antes de nos decidirmos por uma linha de conducta, antes, principalmente, de enfrentarmos tôdas as nossas energias e tôda a nossa fé na conquista de um ideal e, antes, na escolha dêsse ideal.

Eu quero referir-me, especialmente, à mulher, que é o que mais interessa, na hora actual, visto que ela tem sôbre o homem uma influência cada vez mais imperiosa, e da qual depende o destino de muita gente, e pela qual se podem orientar as gerações futuras.

■

Na sua ânsia de emancipação, a mulher tem exagerado, tem estugado de mais o passo, e nessa corrida vertiginosa ela pode esbarrar contra obstáculos, que ao derrubá-los a lancem numa voragem, donde lhe será difícil voltar à superfície tranqüila da primeira forma.

Está muito bem que ela se dê ares de um à vontade que a ninguém prejudica, fumando atrevidamente um cigarro, à homem, com fumo pelo nariz e tudo, que se dispa na praia e que tenha o mau gôsto de passear nas artérias elegantes das cidades, sem meias, em contraste arreliader com um lindo vestido de seda. Admite-se que ria às gargalhadas no terrasso dum café, procurando dar nas vistas, toleram-se muitas liberdades ainda, que apenas são aparências e mais nada. Caprichos a "telha„ inofensivos.

Mas que ela queira ir até insuflar nas almas venenos subtis, que correm sentimentos e modificam intenções, isso é que não pode ser e é isso que tôdas as mulheres, sem distinção de classe e castas, precisa evitar, se querem poupar-se a remorsos pungentes.

■

A mulher foi posta no mundo, como a flor no jardim, para embelezar o ambiente e torná-lo suave e agradável.

Se a terra só produzisse cardos, por onde passeariam os nossos olhos a sua sêde de beleza?

Se a mulher, em vez da meiguice que é o seu dom natural, adoptar a violência, onde ha-de o homem repousar sua fronte cançada da labuta diária?

Ninguém ousaria aconselhar a mulher a recuar para êsses tempos odiosos em que ela era a escrava do homem, e com êle não trocava impressões de alma com alma, sendo apenas a colaboradora emprescindível para o "crescei e multiplicai-vos„ da Escritura. Mas houve uma quadra feliz, na vida da humanidade, em que a mulher já não era escrava, mas a companheira querida do homem, que enquanto êle laborava fora de casa para ganhar o pão da família, ficava a velar pelos filhos, pela tranqüilidade do lar, conservando-se de portas a dentro, a parceira dedicada que com seus desvelos ajudava a causa comum do bem estar de todos os seus.

Bem sabemos que êsse tempo já lá vai, que o anjo do lar anda agora pelos escritórios e por tôdas as zonas de trabalho, e passatempos, dantes só dados ao homem, enquanto o lar ficava entregue aos olhos mercenários de uma criada ou mulher a dias, que não podem dar a uma casa a doce intimidade que só os cuidados uma espôsa e mãi conseguem dispensar-lhe.

Mas fiquemos num meio termo.

Aceitemos o estabelecido, que as exigências da vertigem que se apossou do mundo e as dificuldades justificam e desculpam — embora continuenos lamentando tal mudança de costumes — mas saibamos parar a tempo, saibamos descobrir o limite de tais aspirações e moderemos nossos passos.

■

Se a mulher anda de ombro com ombro com o homem nas letras, nas ciências, nos desportos, e até em certas extravagâncias, passe. Mas que queira agora pegar numa espingarda e, como êle matar e destruír, não!

A mulher p'r'á guerra, não?

A mulher, na guerra, está certo.

Na guerra, educando os filhos para defesa da Pátria, encorajando-os e oferecendo-os heroicamente em defesa de uma causa santa; na guerra, nos hospitais de sangue, pensando os feridos e animando os espíritos; na guerra, mesmo como "menagère„ dêsse lar móvel e contingente, à mercê da sorte, cuidando dos soldados, como mãi ou irmã, dando-lhes, um sorriso, novas energias, sim, isso é próprio da mulher, não a desfigura, nem a diminue.

Nêsse estendal de horrores que é a guerra, a mulher deve combater unicamente com a sua alma, com as armas brancas da bondade e da caridade.

Deve deslizar, por entre os escombros, suavemente, mansamente, como um sopro de graça divina, que aos desavindos com a sua consciência traga o arrependimento, e aos outros que se sentem morrer pelo bom motivo a satisfação do dever cumprido. Os exageros estragam qualquer iniciativa. E' preciso decidir com critério, e realizar sempre dentro dos moldes da sobriedade, que nunca foi prejudicial, em campo algum.

■

A mulher é, antes de mais nada, espôsa e mãi, e dentro dessa esfera ela tem muito por onde estender a sua actividade e atingir a sua glória, se quizer. Que maior glória que a da Virgem-Mãi, recebendo nos braços o corpo chagado de Jesus?!

A mulher de espingarda aperrada é um monstro, um crime contra a natureza, um pesadelo.

O marco do limite da nossa emancipação — é assim que vocês dizem? — minhas irmãs em Cristo, tem no tôpo uma bandeira branca, que nunca um pingo de lama salpicou.

Mercedes Blasco.

INSPIRAÇÕES DOUTRORA

A pobre existência de Henri Murger

As verdadeiras personagens das «Cenas da Vida Boémia»

TODOS se lembram das deliciosas páginas da "Vida Boémia" que Henri Murger legou ao mundo para memória eterna da existência que levou nêsse país de encanto, mas nem todos sabem que as personageas que ali figuram viveram de facto, a começar pelo poeta Rodolfo que era êle próprio.

Murger era filho dum alfaiate de escada, e desde os bancos da escola, sentia uma tendência irresistivel para a vida literária. Aos dezasseis anos escrevia versos e publicava crónicas nos jornais. Arséne Houssaye, apercebendo-se do seu valor, deu-lhe acolhimento nas colunas de "L'Artiste".

Como nasceu a "Vida Boémia"?

Uma noite, reuniram-se no atelier do pintor Schanne, aqueles que se haviam de tornar amigos inseparaveis: Murger, Wallon, Lazare, Tabar e Trapadoux, cuja síntese deu os quatro herois da "Vida Boémia".

Murger tornou-se o poeta Rodolfo, Schanne o Schaunard, de Wallon e Trapadoux surgiu o filósofo Colline, e de Lazare o pintor Marcelo.

Pobres de dinheiro, mas ricos de esperanças, construíram os mais belos castelos com o ardor da sua fantasia.

A vida ia correndo — e que vida!

Um dos rapazes desce á rua a comprar em cinco estabelecimentos diferentes dois "sous" de queijo de Itália, porque, assim, em pequenas porções, é mais bem servido!

Para valer a um amigo, Murger empresta-lhe o fato, visto aquêle estar convidado para uma festa. No dia seguinte, o tal amigo afoga-se, levando consigo o fato emprestado! Murger, como se calcula, teve de passar longos dias em roupas de baixo... por não ter outro fato para vestir...

Henri Murger

Quando algum dos companheiros entrava na mansarda com alguns francos na algibeira, saíam logo todos a abancar no café, onde a cerveja era considerada uma bebida acidental e bizarra, servida com filhós ou bolos de farinha e ovos.

Os cafés preferidos eram a Rotonde, o Momus, o Fleurus e o Tabourey, também freqüentados por Barbey d'Aurevilly e Theodoro de Banville. No verão, quando os fundos baixavam mais ainda, jantavam o mais barato possível no restaurante da Tia Cadet, na Avenida do Maine, tão celebrado por Murger.

O poeta, a fim de trabalhar, instalara-se num cubículo da rua de La Harpe, sendo todo o recheio constituido por seis pratos, três dos quais de porcelana, um Shakespeare, as obras de Victor Hugo, uma cómoda fóra de moda e um gôrro frígio! Na parede, como recordações, uma luva de senhora, e uma mascarilha de veludo...

No entanto, viviam felizes naquela miséria que a alegria da mocidade doirava, num verdadeiro encanto. Todos por um, e um por todos... Quando um tinha um franco, todos compartilhavam dos benefícios que essa mísera quantia pudesse conceder.

E, por entre privações sem conto e bebedeiras constantes, assim se caminhava para a tuberculose que não tardava a aparecer, a ceifar inexoràvelmente aquelas loucas existências...

Que vida aquela!

Schanne foi encarregado, certo dia, de pintar vários bichos que deveriam ilustrar um livro do dr. Berger. Por êste trabalho receberia quarenta francos... Uma felicidade, pois com esta quantia poderia garantir quási um ano de aluguer.

Quando o serviço terminou, o pintor levou o seu ousio a convidar o médico para um banquete que tencionava dar na sua mansarda.

Dando balanço ao seu dinheiro, verificou que lhe restavam doze francos e trinta centimos. Era pouco, atendendo a que iria defrontar-se com oito bebedores de fama. Como organizar a ementa? Nisto, um gato assomou á janela da mansarda, olhando desconfiado. Schanne começou a chamá-lo com toda a meiguice. Um gato, naquela altura, substituiria um coelho!

O bichano entrou, mas quando o pintor, de florete em punho, tentou espetá-lo, transformou-se num verdadeiro tigre. Assanhado, trepava pelas paredes, saltava para a mesa. Depois de ter partido uma estatueta, formou um salto desesperado, e foi caír na rua, onde a porteira, julgando-o danado, o acabou á vassourada.

Schanne, em mangas de camisa, e ainda de florete em punho, desceu a escada, quatro a quatro, a fim de reclamar a peça de caça que lhe pertencia. O prato de resistência estava encontrado.

E assim se organizou o banquete que terminou numa formidável bebedeira.

Foi esta festa, ao que parece, que inspirou a Murger o seu famoso livro "Cenas da Vida Boémia".

Aproveitando a oportunidade de ser necessário um folhetim para o jornal "Le Corsaire", Murger deitou mãos à sua obra e começou a escrever com o ardor dos seus vinte e seis anos de idade. A figura da sua bem-amada mantinha-se fiel no seu pensamento, aureolada pela corôa do martírio, isto é, morta pela tísica, como convinha nesse tempo de inspirações doentias.

A tuberculose estava na moda, chegando algumas damas a beber vinagre para descolorirem as faces, e parecerem defuntas em pé!

Coteje-se isto com o que se faz hoje em desperdícios fabulosos de *rouge* e de carmim...

Murger começou a escrever o seu folhetim, que logo foi alvo das atenções da crítica. Em boa verdade, Murger manifestava-se um autêntico artista, cuja inspiração só merecia louvores.

E a obra seguia, despertando cada vez maior interêsse. Todo Paris a lia. Não seria, portanto, de admirar que, dali a pouco, todo o mundo lhe seguisse o exemplo.

Vem a propósito dizer que a Mimi que aparece nesta obra é a síntese de três mulheres: a primeira, uma Mimi franzina e doente que, como tal, constituia o ideal dos poetas da Escola de então; a segunda, a verdadeira Mimi, era uma dessas flôres parisienses que, estiolando dêsde o seu nascimento, na tristeza da sombra, se tornava louca de alegria ao sentir o sol dos arredores da grande cidade, quer fôsse em Marlotte, quer em Bougival.

Era a mulher ideal.

Muito branca, duma palidez mate, tinha os lábios descòrados, os cabelos castanhos e os olhos dum azul cinzento em que se via que sofria...

Morreu tísica no hospital, sendo o seu corpo entregue aos estudantes de medicina, visto Murger, sem dinheiro e sem saber do triste acontecimento, não ter podido reclamar o cadáver.

A terceira Mimi era uma boa rapariga loira e alegre. Apesar das suas aparências de saúde, desapareceu como as outras duas, ceifada pela tuberculose.

Fôram estas as três incarnações da amante de Rodolfo.

E Musette?

O seu verdadeiro nome era Phénie, e empregava-se a colorir flôres num estabelecimento da rua Saint-Denis. Tendo adoecido, quando voltou à vida, não tinha eira nem beira. Para mais estava-se em pleno e rigoroso inverno.

O seu amante, arruinado pelos médicos e farmaceuticos, não hesitou em vender o seu casaco novo para vestir a sua querida que, logo que se pilhou bem encadernada, desceu as escadas para não voltar. Após uma vida desregrada através de Paris, aceitou a protecção dum indivíduo sério e endinheirado que a levou para a outra margem do Sena.

De vez em quando, sentindo a nostalgia da sua vida boémia, voltava a visitar os antros doutros tempos.

Decorridos alguns anos, contando o seu "pé de meia" — uns quarenta mil francos — desejou ir juntar-se a uma sua irmã que vivia na Argélia. Desconfiando dos bancos, preferiu levar consigo a sua fortuna, transformada em bons luízes de oiro, e assim embarcou no *Atlas*, que nunca chegou ao seu destino. A pobre da Musette e o seu dinheiro repousam no fundo do Oceano...

Henri Murger, não só escreveu as "Cênas da Vida Boémia", como as viveu — e tão intensamente que nenhum outro escritor, por mais talentoso que fôsse, seria capaz de as descrever assim.

Em meio da sua miséria, o escritor sentia-se feliz. A falta de pão era suprida pela alegria esfusiaute da sua mocidade.

Nesses tempos, em que a lei do inquilinato não tinha garras potentes que lhe conhecemos hoje, a solução do pagamento da renda estava em correr o senhorio, à paulada, pela escada abaixo... E, no fim, por entre gargalhadas, tudo ficava em bem.

Quando em 1855 conseguiu obter um bem-estar relativo, retirou-se para Marlotte, a fim de gosar o repouso a que se julgava com direito, embora tivesse apenas trinta e três anos de idade. É que a sua saúde, arruinada por essa vida aventurosa que levara, estava condenada para sempre. Durou, ainda assim, mais seis outonos, cuspindo, a pouco e pouco, os seus pulmões combalidos.

Um dia, levaram-no para o hospital e ali acabou os seus dias, evocando talvez as privações sofridas entre gargalhadas e loucuras de tôda a espécie.

O desventurado não se lamentava. A única tristeza que o afligia era não poder morrer na sua mansarda de outros tempos, rodeado dos seus amigos inseparaveis.

E foi esta a morte de Henri Murger, o único escritor que nos poderia ter legado as "Cênas da Vida Boémia".

Assim viveu, e assim morreu com trinta e nove anos de idade!

Actualidades estrangeiras

Um magnífico aspecto da Wasserkuppe, no Rhön, onde foram disputadas as provas de «vião sem motor. A nossa gravura apresenta um «Rhön-Sperber» sobrevoando a região.

Uma curiosa ornamentação da Avenida das Tílias, em Berlim, vendo-se monumentos de várias cidades para conhecimento da população e revigoramento do seu amor patriotico.

Hitler inaugurando em Kustenblut a pista dos mil quilómetros para automóveis. No primeiro plano, vê-se o dr. Todt, inspector geral do trânsito que o Führer condecorou.

O magnífico Palácio da Bolsa de Berlim de que os alemães tanto se orgulham, e que, em boa verdade, é uma maravilha encantadora. A Alemanha mostra ao mundo o seu poder criador, e a sua ânsia de atingir a grandeza que sempre iluminou o sonho prussiano.

A celebração do «Dia do Trabalho», na abertura do Congresso de Nurenberg, a famosa terra das bonecas. A nossa gravura apresenta uma multidão enorme, nas tribunas do campo de Zeppelin, saudando o imponente cortejo dos trabalhadores, que vai desfilando.

O chefe do govêrno egipcio, Nahas Pachá, na sua visita a Berlim. A nossa gravura apresenta o ilustre estadista, à esquerda, tendo uma bengala na mão. A' direita, ostentando o seu «fez» tradicional, vê-se o ministro plenipotenciário do Egipto na capital alemã.

Durante o concurso hípico do Hoppegartesa de Berlim, realizou-se a costumada parada dos vestidos de Outono que desperta sempre a maior curiosidade das damas elegantes. Esta apresentação é feita pelos manequins das grandes casas de modas berlinenses.

FÁTIMA

Alguns aspectos da peregrinação

Um aspecto da majestosa procissão, vendo-se a formosa imagem da Virgem transportada em andor por entre a multidão que espera a protecção divina. Felizes, pois, os podem refugiar-se no abrigo da sua fé, defendendo-se assim das terríveis incertezas que só as almas dos ímpios, áridas e desertas como os areais do Sahará, têm a desgraça de sofrer sem a esperança de encontrar o ansiado oasis!

Na forma dos anos anteriores, realizou-se a grande peregrinação ao Monte de Santa Iria, tendo afluído milhares de fieis, apesar das inclemências do mau tempo. O grandioso aspecto daquela romagem mostrava claramente, mesmo àqueles que se afastam da crença, o grande poder da fé. Isso é que é inegável. Centenas e centenas de pessoos acorreram ali movidas pela sua fé inquebrantável. E da sua penosa jornada conseguiram obter a dôce paz da sua alma.

Que mais poderá ser desejado do que a doce paz do nosso espírito, e a confiança absoluta de uma vida melhor que nos aguardará no Além-Tumulo? Assim, é ter-se uma finalidade na existência que atravessamos através dêste vale de misérias mesquinhas.

O senhor bispo de Leiria visitando a longa fila de enfermas que ali foram procurar alívio aos seus males físicos. A' direita vêem-se as enfermas confiantes, aguardando um clarão de misericórdia que a sua fé lhe segreda que está para chegar. Regressarão às suas casas, e sempre confiantes na protecção da Virgem de Fátima que há de valer-lhes. E o milagre há de efectuar-se. Pelo menos, nas suas almas diamantinas, continuará a raiar a esperança.

Peregrinos ajoelhados na terra molhada pela chuva, em adoração a Virgem de Fátima em cuja protecção crêem com o maior fervor. Uma enferma, amparada por uma piedosa enfermeira, suporta os seus padecimentos com a maior resignação. O milagre há de dar-se. Pelo menos, a sua crença assim lho segreda. — A' direita: a comunhão dos peregrinos. Ao receberem o Pão da Vida todos se consideram fortes para arrostar a existência neste vale de lágrimas.

PÁGINAS FEMININAS

Começa um novo inverno com a perspectiva dos costumados males, que esta estação traz. Chuvas, frio, temporais, êsses males que aterram os pobres, aqueles a quem o sol serve de aquecimento, e, que no verão vivem muito mais fàcilmente, êsses que nunca devemos esquecer e a quem devemos sempre auxiliar o mais possível.

A atmosfera êste ano é mais carregada, às nossas portas, na vizinha Espanha, continua a terrível luta que tanta vida tem custado, tanto sangue e tantas lágrimas tem feito correr.

Quanta gente sem abrigo, nessas terras arruinados pela metralha e pelo incêndio, quantas mulheres sem casa, quantas crianças com fome

É nestas ocasiões que melhor que nunca, a mulher pode manifestar tôda a bondade do seu coração, e, mesmo a' mulher elegante, a que vive uma vida de alegria e de bem estar, aquela que não tem que se preocupar com o dia de amanhã e que não faz, como tanta senhora há por êsse mundo, dedicar a sua vida ao bem e ter por único fim a caridade, essa mulher que vive entre sorrisos e bem estar, pode com a sua graça, com a sua vida, auxiliar os pobres, valer aos sem abrigo.

As festas, porque o seu espírito, a elas habituado, anseia, que sejam festas de caridade, e, que os seus risos, os triunfos da sua beleza, vão enxugar lágrimas, tornando-se em pão para as crianças.

De tôdas as maneiras se pode fazer o bem, êsse bem que é, pode dizer-se, indispensável para a mulher e que lhe traz as maiores alegrias da sua vida. Não há alegria maior, do que a que nos traz a consciência duma boa acção e nunca como agora a mulher tem ocasião de o fazer.

A vida moderna tão dura em tôda a parte, tão cara e tão difícil, a crise do desemprêgo, que tanto afecta a classe trabalhadora, dá ocasião a que se faça o bem que é quási uma obrigação para os que têm fortuna.

É preciso que ao deitar pela janela fora o dinheiro em inutilidades, a mulher rica se lembre, que àquela hora está, talvez, uma mulher nova como ela, bela como ela é, chorando porque não tem um bocado de pão, para dar aos seus filhos pequeninos, que não têm que comer. Neste momento de luta entre a civilização e o bolchevismo temos que nos lembrar que a miséria e a fome são más conselheiras, e, que são estas as armas de que «meneurs» ambiciosos se servem para levantar o pano, dizendo-lhes que acaba a miséria, essa falsa miragem, que a tantos engana. Pobres e ricos há de sempre haver, em todos os regimes, porque é da condição humana.

O que é preciso é que os ricos não esqueçam os pobres e repartam com os necessitados aquilo que muitas vezes lhes sobra e que a outros tanta falta e tão grande faz.

Os ricos têm de gastar para auxiliar o comércio e a indústria, mas o que é preciso é que não esqueçam os pobres e os miseráveis. É preciso que das suas alegrias êles repartam com os que só tristezas têm.

É agora, que se aproxima, que chegou já a época em que nas cidades o luxo aumenta, em que a mulher com a sua beleza emoldurada por veludos, peles caras e joias, brilha. nas festas mundanas e se torna mais bela, aureola a sua beleza, com a doçura que traz a caridade, pensando e trabalhando para aqueles, que nesta época do ano se afundam nas trevas do desespêro, que traz comsigo, o frio e a fome, a negra miséria.

«Senhoras de Portugal, aproveitai o vosso inverno para fazer o bem, nas festas que organizardes, nos longos serões de inverno, passados em família e em que tanto se pode trabalhar para os pobres, vestindo os que têm frio, abrigando essas crianças que tiritam pelas ruas geladas, sem um trapo que as abrigue da chuva e do vento». Trabalhai para os que sofrem, quem dá aos pobres empresta a Deus, e, que melhor distracção podeis ter do que o fazer o Bem, que nos tornará mais belas e mais alegres, dessa pura alegria que faz resplandecer no olhar essa luz interior, que nada iguala.

Maria de Eça.

A moda

Começa o inverno com os seus frios, os seus dias tristes e húmidos os temporais, as chuvas, mas a mulher não desiste da sua elegância, do seu «chic».

É mesmo talvez o inverno, a estação, em que melhor veste e mais elegante é, na cidade como em nenhuma outra parte a mulher precisa ter um guarda-vestidos bem fornecido.

Uma mulher que se veste bem, não pode sair de manhã, para as suas compras, para o seu passeio higiénico, com a mesma «toilette», com que à tarde, vai fazer visitas ou vai a uma «matinée» de cinema; para um chá ou um concerto também se não veste da mesma forma.

O jantar de convite, o baile, a «soirée» em casa amiga, exigem «toilettes» que nada se parecem umas com as outras e que têm de ser usadas com discernimento para que se não cometam «gaffes» de «toilette», que arruinam a reputação de elegância da mulher mais «chic».

Vestir bem não é só vestir coisas boas, e, de gôsto, é também vestir a propósito e segundo a ocasião. Um trajo deslocado por mais elegante e mais «chic» que seja, dá sempre um péssimo efeito.

Damos hoje quatro toilettes que preenchem um dia de elegância, para uma mulher que saiba vestir. Para de manhã para compras ou passeio, um ligeiro «tailleur» em fazenda azul escura e cinzenta, saia, lisa e casaco justinho e completamente abotoado até cima, o que se vai usar muito êste inverno, fechado com duas ordens de botões em prata velha. A gola é formada por uma écharpe em seda nos tons do vestido.

O chapéu em feltro azul escuro é guarnecido por um «pompom» em pluma cinzenta. Luvas em pele de Suéde azul escuro e carteira em azul completam êste conjunto que deve ser usado com sapatos em antílope da mesma côr. Nada mais juvenil e mais próprio para as saídas de manhã.

Para a tarde, para uma matinée, concerto ou outra distracção, o vestido em veludo castanho abotoado até acima, ao pescoço, com cinto em metal amarelo. Por cima, nos dias mais frios, fica, admiràvelmente o casaco «trois-quarts» em «Murmel» natural, que pela sua côr se harmoniza admiràvelmente com o tom castanho do veludo.

Um bonito chapéu de abas largas em «flamond» castanho tendo por guarnição um laço no mesmo flamond, tem o mais lindo aspecto e sendo da maior simplicidade tem já o seu «cachet» de cerimónia.

Esta «toilette» além de ser muito elegante tem já um ar de luxo porque apesar de tanta coisa que se diz, os casacos de pele têm sempre no inverno uma grande aceitação, e, dão às toilettes o aspecto de luxo. Sapatos em pelica castanha.

Para visitas ou para um chá de cerimónia nada pode haver de mais «chic» do que o veludo preto. E' aqui temos uma linda «toilette» nesse tecido, que dará a qualquer senhora o aspecto da maior elegância.

O vestido é fechado até acima por uma gola formando écharpe. Um casaco pequeno de amplas mangas e guarnecido a raposa, torna muito confortável o conjunto. Chapéu em veludo preto. Sapatos em camurça e polimento avivados a branco. Luvas de pelica preta.

Para jantar vestido em «georgette» vermelho escuro com casaquinho em veludo «chiffon» na mesma côr, nas mangas barras de gaze plissado beige e abotoadura em flores de gaze do mesmo tom. Êste casaquinho substitui o «smoking» que êste verão nos saturou, sendo usado desde manhã em «piquét» branco até à noite em veludo e setim.

Estas quatro elegantíssimas «toilettes» preenchem tudo o que é necessário ao dia duma elegante.

O que é a beleza?

Esta pregunta é uma das mais difíceis a responder. A beleza como tôdas as obras de Arte é subjectiva, e, cada pessoa a sente, a compreende, e a idealisa, duma maneira diferente.

Para uns a beleza consiste na perfeição das feições, de clássica correcção, para outros a beleza é a expressão, que manifesta a alma, há quem ache que a frescura da pele a côr dos cabelos, bastam para ser bela, outras, sentem-se atraídos pelo sombrio dum profundo olhar.

Antigamente só se considerava bonita uma bôca pequenina, hoje, são tidas como belas as bôcas grandes, de lábios marcados e lindos dentes. A beleza modifica-se com as épocas.

A concepção do belo não era a mesma em 1820 do que era em 1900, e não é hoje, o que era então, uma mulher «maquillée» como agora se vê seria considerada mascarada, em qualquer dessas épocas.

A face com a sua côr natural tem para nós um aspecto doentio, habituados os nossos olhos às labaredas que ardem em algumas faces. O que é a beleza? E' o que nos agrada e em geral o que estamos habituadas a ver.

Pequenos detalhes

Na «toilette» da mulher os pequenos detalhes têm uma importância enorme e vê-se se uma mulher é cuidadosa, pela maneira como remata a sua «toilette». Uma renda, uma flor, uma fita, que parecem não ter a mais ligeira importância dão muita vez no conjunto uma nota de elegância, que se não podia supor.

A mulher chic e económica compreende isso, e, modifica muitas vezes por completo o vestido do ano passado, tirando-lhe uma gola que substitui por outra, que tenha a nota do último grito da moda e assim consegue ser sempre a mais «chic» e interessante, umas luvas elegantes, uma carteira «chic» dão ao conjunto um aspeto, que não engana sôbre o bom gôsto de quem as usa.

Um véu atado com graça modifica por completo um chapéu, que foi transformado, e, é esta graça de dar novidade a tudo, que faz da parisiense, a mulher mais elegante do mundo.

Para ser distinta e «chic» não é preciso gastar muito nem vestir modelos. É uma questão de gôsto e de arte, que qualquer senhora, com boa vontade pode adquirir.

O regresso ao lar

Depois da estada fora, das viagens, da praia, da vida no fundo duma província, num velho solar, volta-se à cidade regressa-se a casa retomam-se os hábitos de inverno, mas é necessário refrescar a casa torná-la mais agradável aos olhos.

As cortinas estão fanadas, os estofos desbotados, eis a ocasião da mulher pôr em acção a rara habilidade, de manifestar as suas aptidões de boa administradora e sem gastar muito, tornar o lar verdadeiramente sedutor.

As cortinas arranjam-se fàcilmente com uma bonita «étamine» que se dispõe com graça, os estofos substituem segundo as posses de cada um, na certeza de que um leve «cretonne» é preferível a um veludo coçado e velho.

Com um pouco de trabalho a mulher que sabe valorisar a sua casa, tem sempre tudo em ordem e tira partido das coisas mais insignificantes, para tornar atraente a casa, que é onde temos de passar a maior parte da nossa vida.

E quem assim não faz, não tem um ninho acolhedor que a todos atrai e conforta.

Higiene e beleza

A maneira de conservar uma linda pele depende do tratamento que se lhe dá, a pele do rosto é delicadíssima e estraga-se com a maior facilidade.

Para que a pele suporte a «maquillage» o calor e o frio é preciso tratá-la. 1.º — A noite antes de deitar deve limpar-se a pele com um bom creme para êsse fim e é melhor usar aquele a que se está habituada, e, que deve dissolver as pinturas e desembaraçar os poros de tôdas as impurezas. 2.º — Tonificar os músculos da cara por um adstringente que dê à carne firmeza. A pele deve ser esticada à noite como o coiro do calçado quando se mete na fôrma. Tendo sido esticada, tendo respirado e tendo repousado a pele está preparada para de manhã.

De manhã: lavar a cara em água morna limpar a pele com o adstringente e em seguida passar a cara, a fronte o pescoço com um bom creme que se deve estender fazendo massagem ligeira sempre de baixo para cima. Em seguida limpar a cara com um papel de seda, aplicar o pó e o «rouge» de forma a que dê o aspecto mais natural possível.

Receitas de cozinha

Linguado à valenciana: Tomam-se alguns linguados pequenos, amanham-se e fregem-se ao modo ordinário.

Depois de fritos, colocam-se num prato coberto que possa ir ao forno.

Prepara-se um môlho do seguinte modo: Deitam-se numa caçarola quatro cebolas de grandeza média, cortadas em rodas delgadas, uma dúzia de tomates também de tamanho médio, 30 gramas de manteiga, 30 gramas de toucinho, uma fôlha de louro, seis pimentos cortados em tiras, sal, pimenta e um pouco de açafrão e leva-se esta mistura ao lume, pouco forte, até estar convenientemente refogada.

Passa-se o môlho por um passador fino, deixando cair o polme sôbre os linguados. Cobertos êstes, leva-se o prato ao forno um pouco brando, ou a uma estufa, até ao momento de se servir a iguaria.

Êste processo de preparar os linguados serve para qualquer outro peixe.

Biscoitos de leite: Leite 2 decilitros, açúcar refinado 250 gramas, manteiga 250 gramas, farinha de trigo 750 gramas. Amassa-se todo numa vasilha de loiça e depois de amassado estende-se a massa na tábua e cortam-se bolinhos pequenos redondos, que vão ao forno em taboleiros polvilhados de farinha.

De mulher para mulher

Mãi preocupada: Mas, minha senhora, pense que há muitas mãis no seu caso. São muitos os rapazes que não querem fazer um curso e sem ter um pai, como quere obrigá-lo? Trate de o empregar no comércio e creia que há muito quem tenha feito uma esplêndida vida, sem estudar e ganhe a sua vida honradamente. A' fôrça ninguém estudou.

Violeta: O «tailleur» é muito prático na meia estação e com uma bonita raposa, ou uma gravata de marta ou petit-grès fica muito «chic». Procure distrair o seu espírito com uma obra interessante e com espectáculos bons em que adquira instrução, e lhe sejam úteis. Acho naturalíssimo que deteste essas revistas, mas não vá a elas porque certamente não é obrigada a fazê-lo.

Estrêla: Sabendo tantas línguas e dactilografia deve ser-lhe muito fácil arranjar um lugar. Não me compreendeu bem, no seu caso não só acho bem, como até obrigatório o trabalho, que só honra. Condeno as mulheres que abandonam o seu lar para ter mais luxo.

Mas o que quer fazer só dignifica a mulher e uma filha trabalhar para ajudar sua mãi é digno do *maior* respeito de tôdas.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

CHÁ MAH-JONG

Com uma enorme e selecta concorrência, realizou-se na tarde de segunda feira, 12 de Outubro findo, no vasto «hall» do Casino Estoril, um «chá Mah-Jong» de caridade, organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor do Preventório de Colares, recordando-nos ter visto entre a assistência as seguintes senhoras:

Condessa de Vil'Alva, Condessa de Castro, Condessa de Carnide e filha, Condessa das Galveas (D. Maria), Condessa de Castro Marim, Viscondessa de Almeida Garrett, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Mareza de Melo e Castro de Vilhena, D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey, D. Conceição do Casal Ribeiro Uurich, D. Maria Tereza de Mascarenhas Valdez Pinto da Cunhu, D. Alda Guedes Pinto Machado, D. Adelina Machado Fernandes Santos, D. Albina Cordeiro Rebelo, D. Matilde Matoso dos Santos e filha, D. Helena Mauperrin dos Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Berta Mauperrin dos Sanhos de Castelo Branco, D. Berta Marques da Costa Luppi, D. Ida da Costa Blanch, D. Izaura Roquete, D. Sofia Zafrani Cagi, D. Maria Castelo Branco Arantes, D. Sára Burnay Paiva de Andrade, D. Catarina de Vilhena de Sousa Rego, D. Maria Izabel de Sousa Rego de Campos Henriques, D. Maria Roquete de Campos Henriques, D. Clara Abudarahm Buzaglo e filha, D. Alice Sousa e Melo, D, Joana de Castel Branco Mendes da Silva, D. Maria da Assunção de Melo Mendes da Silva, D. Horamina Pereira Cardoso, D. Arminda Machado Rangel dos Santos, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Tereza de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Adelaide Leitão Pereira da Cruz, D. Maria João da Câmara Bianchi, D. Maria Luiza Ribeiro da Silva Infante da Câmara; D. Carmen Morales de los Rios de Castro, D. Maria Izabel de Avilez de Sousa Rêgo, D. Alice Sauvinet Bandeira Bastos, D. Rita de Somer Pereira. D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto Balsemão, D. Maria Baltazar Pinto Balsemão, D. Inez Alice Barroso Gomes, D. Gardina Andresen Leitão, D. Maria da Assunção Calheiro de Romero, D. Maria Tereza de Franca de Melo Ozório, D. Maria de Franca Lencastre, D. Sofia Barlei de Castel Branco, D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, D. Maria Tereza Pressler Lino, D. Maria Eugénia Corrêa de Sampaio de Castro. Pereira, D. Eugénia da Costa Cardoso, D. Francisca Palma de Mascarenhas Valdez, D. Maria Antónia de Sousa Pires Rebelo. D. Beatriz Benjamim Pinto de Vasconcelos Gonçalves, D. Maria Adelaide Daun e Lorenço de Carvalho Nunes D. Lina de Andrade, D. Maria Luisa Gomes Salazar, de Sousa, D. Carmen Burnay de Vilhena, D. Maria Antónia de Saldanha Marrecas Franco, D. Maria da Natividade Perestrelo Guimarães, D. Maria Adelaide Salema Rolim, D. Maria da Guia Ferreira Patrício, etc, etc.

Jantar diplomatico

O sr. Taneki Kumabé, ilustre encarregado dos negócios do Japão em Portugal, que acaba de embarcar para o seu país onde vai desempenhar uma missão especial, ofereceu no salão do restaurante do Casino Estoril, um jantar a que foram convivas as seguintes pessoas: Ministro da Itália, Ministro dos Países Baixos e senhora de Loudon, Ministro da Alemanha e Baroneza de Hoyningen Huene, Ministro dos Estados Unidos da América e senhora de Caldwell, Ministro da França e senhora de Amé Lerey, encarregado dos negócios de Cuba e senhora de Gomez Garriga, conde de Moulan Eskart, secretário da Legação Bélgica e senhora de Forthomme, dr. Carlos Pinto Ferreira, capitão Afonso dos Santos, major Luiz de Santana e D. Isaura de Castro Araujo de Santana, Carlos Husum e D. Maria do Carmo da Câmara de Noronha Husum, tenente Mário Carvalho Nunes e D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, Robert Foss Fernall, A. Fukuaka, e K. Aida, tendo-se no final trocado afectuosos brindes.

NA GUARDA

Festejando o aniversário natalício da sr.ª D. Margarida Nolasco da Silva, realizou-se no Sanatório Sousa Martins, na Guarda, um jantar a que foram convivas as sr.as D. Maria Margarida Ferreira dos Santos, D Maria Luiza Correia de Barros Pimentel, D. Carolina de Albuquerque Bourbon e os srs drs. Luiz de Queirós de Barros, Parreira Barradas e Angelo Queirós da Fonseca, engenheiro Rui Casal Ribeiro, Fernando Guedes Pinto, José Correia Henriques (Seixal), e Francisco Eça Leal, tendo-se no final trocado afectuosos brindes.

Casamentos

Realizou-se na paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Cascais, presidindo ao acto o reverendo Moisés da Silva, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, o casamento da sr.ª D. Maria Natércia Gonçalves da Mota, gentil filha da sr.ª D. Jacinta Gonçalves da Mota e do sr. Álvaro da Mota, já falecido, com o sr. Sebastião José Ferreira de Magalhãis, filho da sr.ª D. Leonor Augusta do Nascimento Ferreira de Magalhãis, já falecida, e do sr. José Pinto Leite de Magalhãis, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Felícia Gonçalves Vilar e D. Clementina Ferreira de Magalhãis Pessoa e de padrinhos os srs. Armando Penim Gomes Vilar e capitão José Raposo Pessoa.

Terminada a cerimónia foi servido no elegante residência dos padrinhos da noiva, sr.ª D. Felícia Gonçalves Vilar e do sr. Armando Penim Gomes Vilar, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Com grande brilhantismo, realizou se o casamento da sr.ª D. Fernanda Lima Reis Rodrigues, interessante filha da sr.ª D. Georgina Reis e do sr. Manuel Rodrigues, com o sr. Artur Gaivoto, filho da sr.ª D. Maria Gaivoto e do sr. Luís Gaivoto, servindo de madrinhas a mãi da noiva e a sr.ª dr.ª D. Alda Pamplona e de padrinhos os srs. João Nepomuceno de Freitas e Lourenço Costa, presidindo ao acto, que foi celebrado em capela armada na elegante residência da mãi da noiva, o reverendo Pio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido no salão de mesa um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

— Na paroquial da Boa-Hora, à Ajuda, realizou-se o casamento da sr.ª D. Conceição Duarte Boa Alma, interessante filha da sr.ª D. Maria dos Reis Severino Boa Alma e do sr. José Duarte Severino Boa Alma, com o tenente de cavalaria sr. António Vasco da Costa, filho da sr.ª D Hermínia Vasco da Costa e do sr. Anibal Gonçalves da Costa, tendo servido de madrinhas as srs.as D. Maria Boa-Hora Ferreira Bastos e D. Mariana Correia Carlos e de padrinhos os srs. Mário Dias Ferreira Bastos e o comandante sr. Marcelino Carlos, presidindo ao acto o reverendo monsenhor Fino Beja, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

A sr.ª D. Maria Natércia Gonçalves da Mota, e o sr. Sebastião José Ferreira de Magalhães, por ocasião do seu casamento realizado na paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Cascais.

— Pelo sr. Arnaldo José Ferreira da Costa, foi pedida em casamento para seu filho António, a sr.ª D. Maria Alice Trindade Mariz, gentil filha da sr.ª D. Octávia Lopes das Neves Trindade Mariz e do sr. Jacinto Mariz Junior, realizando-se a cerimónia brevemente.

— Presidido pelo reverendo prior da freguesia, realizou-se na paroquial de S Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Fernanda de Jesus Martins, interessante filha da sr.ª D. Costódia de Jesus Martins e do sr. José Martins, com o sr. Américo Augusto de Carvalho, filho da sr.ª D. Maria Rosa Carvalho e do sr. António da Sena Carvalho, servindo de madrinhas as sr.as D. Maria Palmira Peres e D. Eulália de Carvalho e de padrinhos os srs. capitão-tenente Joaquim Morais e João Maurício Carvalho.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para Castelo de Vide, onde foram passar a lua de mel.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Ivone Dias Serras, gentil filha da sr.ª D. Felicidade Alice Nunes Serras, e do sr. Dias Serras, já falecido, com o sr. Fernando de Sá, filho da sr.ª D. Ida Ferreira de Sá e do comandante sr. dr. Diogo de Sá, tendo servido de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos os srs. Álvaro Manuel Nunes Serras e José Manuel Vilhena de Morais Carvalho.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãi da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «Versailles», recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se o casamento da sr.ª D. Zulmira Julieta de Sousa Gomes, com o distinto cirurgião sr. dr. Mário Carmona, servindo de madrinhas as mãis dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Artur de Almeida Roque.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

— Com muita intimidade, realizou-se o casamento da sr.ª D. Filismina de Jesus Marouco, com o sr. Manuel Nunes Blanco, filho do falecido general Nunes Blanco, que foi comandante Militar de Lisboa, e irmão do distinto tenente médico sr. dr. Francisco Nunes Blanco, tendo servido de madrinha a sr.ª D. Delfina Marouco Freitas e de padrinhos os srs. Egénio de Freitas Amândio Jorge Veloso Rebelo Palhares e dr. João dos Santos Monteiro, antigo sub-director geral do Ministério das Colónias.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

Nascimentos

— Teve o seu bom sucesso a sr.ª condessa de Castro (D. Maria da Assunção), esposa do sr. conde de Castro. Mãi e filho, estão de perfeita saúde.

A sr.ª D. Maria da Conceição Homem Machado Pizarro de Sampaio e Melo, esposa do sr. dr. Fernando Pizarro de Sampaio e Melo, teve o seu bom sucesso. Mãi e filho encontram-se felizmente bem.

— Na Casa de Saúde de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Generona Murteira Frazão, esposa do sr. dr. Manuel Frazão. Mãi e filha, estão bem de saúde.

— Em Matosinhos, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria Amorinda Pego de Matos, esposa do sr. Artur de Matos. Mãi e filho encontram-se bem de saúde.

— Teve o seu bom sucesso em Cascais, a sr.ª D. Maria Olímpia de Barros e Vasconcelos de Miranda, esposa do sr. D. Eduardo de Castro e Tavera Araujo de Miranda. Mãi e filho, estão felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, na Maternidade Alfredo Costa, com a assistência do ilustre cirurgião professor sr. dr. Monjardino, a sr.ª D. Amância Barreto da Câmara Leme, esposa do sr. dr. Carlos Manuel da Câmara Leme e nora do coronel Câmara Leme, ilustre director da Casa Pia de Lisboa.

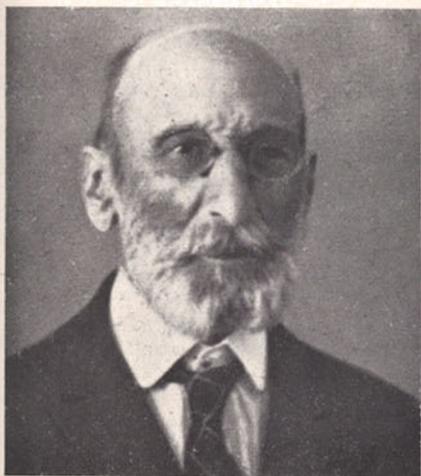
— Na sua casa do Estoril, teve o seu bom sucesso, a sr.ª D. Maria do Carmo de Vasconcelos Cambon, esposa do sr. Luís Cambon. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

D. Nuno.

FACTOS E NOTÍCIAS

← A estátua do dr. António José de Almeida. — A estátua do dr. António José de Almeida, obra do escultor Leopoldo de Almeida, aprovada pela comissão promotora da homenagem ao falecido chefe do Estado. A nossa gravura apresenta o autor da estátua com alguns membros da comissão técnica e promotora do monumento

Dr. Brito Camacho. — Mais um livro póstumo do dr. Brito Camacho, e que mais vem avivar a saudade que êste primoroso escritor deixou em todos os que o conheciam, liam e admiravam. Desta vez é o «Rescaldo da Guerra», livro que é necessário ler para fazer uma idéia do que foi êsse periodo angustioso para a humanidade e de sacrifício patriótico para Portugal

Dr. Adolfo Faria de Castro. — «Impressões de Arte» é o título do magnífico livro que o dr. Adolfo Faria de Castro, professor efectivo do Liceu de Santarém acaba de publicar e através do qual se desenrola o panorama artístico da nossa terra. A obra é profusamente ilustrada pelos melhores pontos portugueses

Pinto de Carvalho (Tinop). — Morreu Tinop! O velho amigo de Lisboa pitoresca de outros tempos desapareceu para sempre, deixando-nos como perene recordação as páginas magníficas dos seus livros. Que descanse em paz o infatigável trabalhador que tanto amou e sofreu!

Ateneu Comercial de Lisboa. — Abertura do novo ano de trabalhos escolares, tendo sido distribuidos prémios aos alunos mais classificados. A nossa gravura apresenta a mesa que presidiu à sessão solene, no momento em que falava o sr. dr. Pereira Jorge. Esta cerimónia foi coroada pelos mais francos e calorosos aplausos da numerosa assistencia

Uma comemoração simpática. — Os antigos alunos da Casa Pia com o actual director, sr. coronel Câmara Leme, após a sessão comemorativa da passagem do 25.º aniversário do encerramento do seu curso. Foram proferidos entusiásticos discursos em que havia muita saudade, tendo agradecido o sr. coronel Câmara Leme as amáveis referências à Casa Pia

Prof. dr. Reinaldo dos Santos. — Tendo o Congresso da Sociedade Internacional de Urologia, reunido em Viena, concedido ao insigne médico prof. dr. Reinaldo dos Santos a medalha de ouro Fenwick, os mais dilectos colaboradores e admiradores ofereceram-lhe um banquete de homenagem no Aviz Hotel. O ilustre homem de ciência rodeado por alguns dos seus amigos

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.ª ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábula, de Chompré; Adágios, de António Delicado.

IMPRENSA

Gazeta — de Ponta Delgada. — Continua a visitar-nos com regularidade êste trimensário republicano regionalista, em que o ilustre confrade *Catos, Sucr.* dirige uma secção denominada *Edipismo*, que representa, segundo cremos, o melhor propagandista do charadismo nas ilhas.

Gratos ao simpático director por tôdas as gentilezas e longa vida à sua secção.

CORREIO

Rei Mora — Lisboa. — Foi com imensa satisfação que registei o aparecimento do prezado confrade nesta página! É sempre motivo de imenso regozijo para quem dirige uma secção charadística ver surgir de repente confrades da velha guarda. As listas estão em ordem e dentro do prazo. A contagem faz-se aproximadamente no tempo referido para poder incluir nos apuramentos os colaboradores de África. Não é necessário voto. A classificação é feita por mim — *honesta e rigorosamente* —, deliberação que fui forçado a tomar para evitar a usual e desenfreada *galopinagem* que certos charadistas pouco escrupulosos não hesitam em praticar! Registo gostosamente a sua adesão e aguardo o cumprimento da sua promessa quanto à colaboração, que não dispenso.

Edmundo Germano Gonçalves — Luanda. — Como terá ocasião de verificar, publico já neste número alguns dos trabalhos que a solicitação do prezado confrade *Dr. Sicascar* teve a gentileza de me remeter. Espero que o meu caro confrade não se esqueça de me honrar de futuro com a sua preciosa colaboração.

Dr. Sicascar — Luanda. — Mais uma vez renovo os meus sinceros agradecimentos por tôdas as suas gentilezas.

APURAMENTOS

N.º 60

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

MAD IRA
N.º 17

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

CAPITÃO TERROR
N.º 16

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 22, Maria Luíza,

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantente & C.ª, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra.

QUADRO DE MÉRITO

Capitão Terror, 18. — Salustiano, 18. — Rei Luso, 17. — Só-Na-Fer, 17. — Ti-Beado, 16. — Só Lemos, 14. — Sonhador, 14. — João Tavares Pereira, 14. — Dr. Sicascar (L. A. C.), 12. — Lamas & Silva, 11. — Salustiano, 11.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 8. — D. Dina, 7. — Lisbon Syl, 7. — Aldeão, 5.

DECIFRAÇÕES

1 — Paro-rôla-parôla. 2 — Esto-tolho-estolho. 3 — Moscar-cardo-moscardo. 4 — Cavala. 5 — Noso-como. 6 — Jaco. 7 — Façudo-fado. 8 — Copista-cota. 9 — Catita-cata. 10 — Afirmo-amo. 11 — Partida-parda. 12 — Andrajo-anjo. 13 — Malsim. 14 — Cebo-bola-cebola 15 — Abro-brotar-abrotar. 16 — *Alardo.* 17 — *Levedar.* 18 — Floreado. 19 — Levada-leda. 20 — O barato sai caro.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 69

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) A *cabeleira* de minha *mãi* foi cortada por uma *mulher mexeriqueira.* 2-2 (3).

Luanda — *Conde de Monte Cristo*

2) O *calhau* que me pretendem *atirar* sou muito capaz de o *repelir!* (2-2) 3.

Lisboa — *Kid-Nyo*

METAGRAMA

3) «*Pega*» na *cabeça* do morto — verás que no *silêncio* da noite tem a *aparência* de que ainda está junto ao *pescoço!* (4-5).

Lisboa — *Barrabás*

NOVÍSSIMAS

4) O *montão* de coisas *até a ti* pertence, como justo prémio, à tua *trova* feliz. 1-1-1.

Luanda — *D'Artagnan Jr. (L. A. C. – T. E.)*

5) *Perto* de minha casa mora certa criatura que tem *comiseração* pelo *terreno que tem cêrca.* 2-1.

Luanda — *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

SINCOPADAS

6) O *fogueiro* usa *turbante.* 3-2.

Lisboa — *Bibi (Abexins)*

7) Só com um *ardil* é que podemos entrar na *toca* do veado. 3-2.

Luanda — *Conde de Monte Cristo*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

8) No meio da vila está
Uma rua há muito feita,
Mas que tem êste defeito,
De ser uma *rua estreita,*

Coimbra — *José Tavares*

12) ENIGMA FIGURADO

Vila Silva Pôrto — *Efonsa*

LOGOGRIFO

"Hay que distinguir..."

(A propósito de uma catilinária do ilustre Presidente da «Tertúlia Edípica»)

«...mandar uma infinidade de trabalhos com vários nomes com a intenção de maisfàcilmente abichar prémios»...
Etiel — «*O Charadista*» n.º 67.

9) Permita o mestre *ilustre* da charada [— 10-8-4-2
Que um simples «garamufo», um «fa-[biano»,
De *longe* «mêta a sua colherada» — 10-8-7-6
P'ra «varrer a testada» dum fulano.

O meu *melhor* amigo é um sujeito — 11-5-6-2
Que tem ao charadismo a «mente dada...»
Usando tantos nomes que eu suspeito
Que tem a «cachimónia» avariada.

O diabo do rapaz! quando eu lhe digo — 6-9-1-2
Que muda mais de nomes que de... meias,
Responde com *finura:* Isso é comigo... — 10-1-9-7
"Tu varias de asneira e eu de idéias ..„

Receia o pobre *tonto* (que patego!) — 6-2-1-2
Que vendo-o «charadear» com tal freqüência,
O julguem «quebra-esquinas» sem emprêgo!...
É pontinha de insânia: é já demência!...

Mas lá vaidade, *fraude,* a caça ao prémio... — [10-11-4-2
Não creia! É homem sério: é charadista;
Não «bebe» dêsse «*vinho*» é abstémio. — 7-3-2-8
Cumprimentos, doutor. E até à vista!

Lisboa — *Braz Cadunha*

NOVÍSSIMA

10) «Se aquilo que a gente sente
Cá dentro tivesse *voz...*» — 2
Muita dama, certamente,
«Teria *pena* de nós...» — 1

Mas como o sentir é vário,
Não é na vida forçoso
Que sentindo o meu fadário
Alguém me torne *famoso.*

Lisboa — *Kossor*

SINCOPADA

(Metendo a foice, a propósito do Congresso Charadístico e das «lérias» do sr. «Lérias»...

11) É costume em Portugal
— Onde abunda a feia acção —
Criticar e dizer mal,
Com razão ou sem razão.

Manda a verdade, porém,
Repisar mais uma vez
Que o defeito detrás vem.
Já o dizia o Marquês...

Por isso certo confrade
— O «Lérias», naturalmente —
Sem sombra de piedade
No Congresso meteu dente,

Armando rija *contenda* ..
Foi infeliz, por sinal.
Saiu-me uma boa «prenda»
O das «lérias» sem rival...

Charadista detentor
De pseudos aos milheiros
Arremeteu com furor
Contra os pobres companheiros

Numa luta desleal
E cheia de *má vontade!*
Quem é «Lérias», afinal?
Essa «grande sumidade»...

Caros confrades:
Proponho
Que «Lérias» seja afastado
— Concordam, como suponho —,
Até mesmo escorraçado,

De tôda a parte onde o são
Charadista se encontrar!
E que lhe sirva a lição,
Para não mais criticar... 3-2

Coimbra — *Hordasil*

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

ACTUALIDADES DA QUINZENA

O chefe do Govêrno, o sub-secretário da Guerra e os generais Lobato Guerra, chefe do Estado Maior do Exército; Domingos de Oliveira, governador militar de Lisboa; Casimiro Teles, ajudante general do Exército, e Vieira da Rocha assistindo ao desfile de 2.000 homens da 2.ª brigada de cavalaria do Ribatejo. — A' direita: O novo ministro da Itália em Lisboa, sr. Jorge Francesco Macelli, após a entrega das credenciais ao sr. Presidente da República.

A cavalaria passando em continência perante o sr. presidente do Conselho. Verifica-se que o vasto plano do rearmamento do Exército será dentro em breve uma realidade, como o têm sido outras dificuldades maiores. Portugal atinge enfim o lugar a que tem direito perante o mundo.

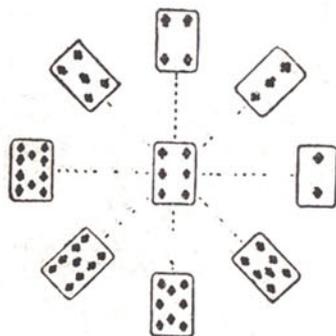
O avião que capotou no campo «Humberto Cruz», da Figueira da Foz, ficando feridos os seus dois tripulantes. — A' direita: A assistência ao banquete oferecido na legação da Alemanha aos aviadores do «Lufthansa» que realizaram os vôos experimentais sôbre o Atlântico, para o estabelecimento da carreira regular entre a Europa e a América, via Lisboa e Açores.

Xadrez

(Solução)

1 D – 8 R D	*2* B – 5 B D +
R × T	M.
......	C – 6 R +
T × T	M.
......	D × T +
T × C	M.
......	T × T +
R – 1 C	M.

As nove cartas

(Solução)

Aqui estão as nove cartas, somando 18 em cada linha recta, de 3 cartas.

Bridge

(Problema)

O	N / S	E
	Espadas — A. 9, 8, 7, 6. Copas — D. 7, 6, 4. Ouros — A. D. V. Paus — R.	
Espadas — R. Copas — 10, 9, 5, 3. Ouros — R. 10, 8. Paus – D. V. 10, 9, 8.	**N** **O E** **S**	Espadas — 5, 4, 3, 2. Copas — 2. Ouros - 9, 7, 6, 5, 4, 3, 2. Paus — 6.
	Espadas — D. V. 10. Copas — A. R. V. 8. Ouros — — — — Paus — A. 7, 5, 4 3, 2.	

Trunfo é copas. *O* sai por dama de paus *S* dá chelem grande.

(Solução do número anterior)

O joga R de espadas, *N* joga o Az de espadas e depois o 3 de espadas.

S corta com 4 de ouros e joga 3 de paus. *N* joga a Dama de paus e depois o 4 de espadas. *S* corta com 9 de ouros e joga o 9 de paus *N* joga o Valete de paus e joga 5 de espadas. *S* corta com Valete de ouros e trunfa com Az e Dama de ouros.

N joga o Rei de ouros sôbre a Dama de ouros e joga o 10 de ouros.

S balda-se a 2 de copas e faz Az de copas, Az, Rei e 10 de paus.

A terra dos espinafres

Crystal City Texas, tem uma população de 6.609 habitantes e o seu maior orgulho é a produção de espinafres. Em meados dêste ano, celebrou-se ali o centenário do Estado e nas festas foi incluido um número alegórico, simbolisando «Texas sob seis bandeiras» e sendo proclamada Rainha dos Espinafres, Miss Virginia Speed. Crystal City que se intitula a capital das hortaliças do mundo, expedem durante uma quinzena, 206 vagons de espinafres, o que constitue segundo as opiniões dos entendidos um verdadeiro *récord*.

Castigos extravagantes

No reinado do imperador do Ocidente, Oton o Grande, que decorreu entre os anos 936 e 973, filho mais velho de Henrique, *o passarinheiro*, (assim chamado porque, quando os deputados foram anunciar-lhe a sua eleição à corôa, foi encontrado a caçar pássaros) infligiam-se penas sobremaneiras singulares, segundo a diversidade de estados.

O *harnescar* era a punição da alta nobreza; consistia em levar um cão aos ombros na distância de uma ou duas léguas. A nobreza mais inferior era condenada a carregar uma sela de cavalo; o clérigo, um grande missal e os burguêses uma charrua ou arado.

O tesouro afundado

Segundo uma tradição local da ilha de Elba, naufragou na baía de Portalongone um navio francês, da época de Napoleão, carregado de objectos de arte provenientes da Itália.

Pelos recentes trabalhos do rebocador italiano *Artiglio* vê-se, todavia, que na realidade, essa tradição se refere aos restos de um navio espanhol, o *Polux*, que transportava em 1608, para um mar Tirreno, os objectos artísticos pertencentes ao rei Fernando de Nápoles o qual parecia prever o seu infeliz destino. O navio teria naufragado nas imediações de Portaloryone, sem que nada pudesse indicar o lugar exacto do sinistro. O *Artiglio* conseguiu trazer à superfície, desde as primeiras sondagens um pedaço de revestimento que parece pertencer a um veleiro daquela época e pretende continuar os trabalhos, tentando extrair do fundo do mar os tesouros inestimáveis que, a ser verdadeira a lenda, se contêm no casco do Polux, como arcas cheias de ouro e moedas e até um coche de ouro massiço.

O lobo e o cordeiro

O lobo vê-se bem, onde estará o cordeiro?

Sinais de desaprovação nos teatros

Na Grécia antiga os espectadores, quando não estavam contentes com os actores, atiravam-lhes com figos, azeitonas, esgalhos de uvas e cousas semelhantes como consta da apostrofe que Demóstenes, no seu discurso da Coroa dirige a Eschines, que fôra actor.

Parece que a prática de assobiar para reprovar, como a de bater palmas para aplaudir, começára em Roma, no tempo de Augusto. O uso de dar pateada, ou escoucear como as bêstas, não sabemos como teve principio.

Anecdotas

Um gatuno é levado à presença da auctoridade por ter furtado uns frangos.

— Porque furtou os frangos a essa mulher?

— Por não saber o preço dêles.

— Pois perguntasse

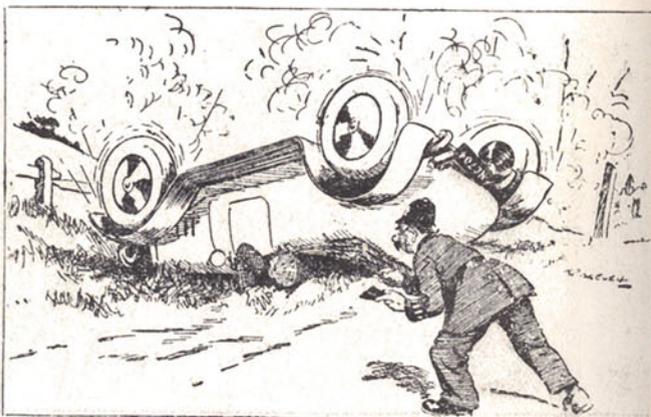
— Mas é que sou muito tímido com as mulheres, senhor juiz.

■

Ele: — Está, então, combinado de fugirmos em sendo meia noite?

Ela: — Sim, meu amor.

Ele: — E tens a certeza de poder ter a tua mala pronta a tempo?

Ela: — Tenho. Meu pai e minha mãi prometeram ambos ajudarme.

O polícia: — *Não lhe serve de nada estar a esconder-se aí de baixo, cavalheiro. Preciso do seu nome e morada.*

(Do Tit-Bits)

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.ª prestação e leva para casa os 21 volumes

HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS

antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17cm. × 26cm., 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editôres, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365$00**

1.ª prestação, Esc. 165$00 — As restantes 12, a Esc. 100$00 cada mês

Com o pagamento da 1.ª prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Um livro aconselhavel a toda a gente

A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício por dia

O MEU SISTEMA

POR **J. P. MÜLLER**

O livro que mais tem contribuido para melhorar fìsicamente o homem e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais razoavel, mais prático e útil que até hoje tem aparecido de cultura física

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem estar físicos e morais

1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com 119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8$00**

pelo correio à cobrança **9$00**

■

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL

CASUIDICA E DOUTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23×15, broc. **Esc. 25$00** — Pelo correio à cobrança **Esc. 27$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA**